

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
I EXÉRCITO HDA PQDT
2ª SEC EMG

XAMBIOÁ-GO
Em 07 /06 /197 2

000236 000174 0725

- 1. Assunto : DECLARAÇÕES DE JOSE GENUÍNO NETO
- 2. Origem :
- 3. Classificação :
- 4. Difusão : Ba RM, 1a ZAé, CIEx, Arq.
- 5. Dif desde origem:
- 6. Anexo :
- 7. Referência :

DECLARAÇÕES

Haviam 3 Dst na área, dirigidos per uma Comissão Militar e um Bureau Político. Faziam parte dessa direção (não identifica se da CM ou BP): CID. . . . João Amazonas

JOAQUIM. . . ?

? . . .Um elemento velho, paraense (poderia ser LOURIVAL MOUHA PAULINO, que se suicidou, embora Genuíno não reconhecesse sua foto).

Os 3 Dst estavam assim distribuídos:

Dst A - Ao S da transamazônica, operande complete.

Dst B - A SE-E-NE da serra das Andorinhas, com 2 clares.

Dst C - A W-SW da serra das Anderinhas, com 3 clares.

Constituição de Dst B:

Cmt Dst - OSWALDO.Rifle 44, Pst 7.65 e .38

Sub Cmt - ZÉ FOGOIO.Rifle 44 e Rv .38

Grupo da Gameleira (Com 2 PA)

Cmt Gr - GERALDO (Genuíno-prêso). . .Esp 16 e Rv .38

Sub Cmt - AYAKURIRifle 44 e Rv .38

GLENIOEsp 20 e Rv .38

SUELI.Rifle 22 e Rv .38

TUCA (D. MARIA).Rv .38

PERIEsp 16 e Rv .38

MANOELEsp 20 e Rv .38

Grupo de Castanhal de Alexandre (eu de Zé Ferreira)

Cmt Gr - ZÉ FERREIRA.Rifle 44 e Rv .38

Sub Cmt - FLÁVIOEsp 36 e Rv .38

WALQUIRIA.Esp 36 e Rv .38

APARÍCIOEsp 36 e Rv .38

RAULEsp 20 e Rv .38

GILBERTOEsp 20 e Rv .38

Grupo de Caure Dantas

Cmt Gr - ZEZINHO.20 C/Dupla e .38

Sub Cmt - JOÃO GOIANO.Esp 20 e Rv .38

SIMÃO.Esp 20 e Rv .38

DINARifle 22 e Rv .38

LOURIVALEsp 20 e Rv .38

LIA.Rv 38

Disse que êle (Genuíno) era quem contactava VITOR, Sub Cmt de Dst C, na Esperancinha. OSWALDO lhe dissera que se êle não regressasse até terça-feira (na ocasião em que foi prêso) iria reunir todo o Dst e internar-se na selva a N de Castanhal de Alexandre.

- . -

CONFIDENCIAL

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DÊSTE DOCUMENTO
Art 52 NSAB

AUTO DE QUALIFICAÇÃO E INTERROGATÓRIO

Aos _____ do mês de _____ de _____ do mil novecentos e _____, nesta cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, na sede da 1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar, na sala de sessões, Juízo e Conselho Permanente de Justiça do Conselho Presente(s) na sessão dos seus membros, pelo Exmo. Sr. Dr. Juiz-Auditor foi o acusado qualificado de forma que abaixo segue:

Perguntado o seu nome, naturalidade, estado civil, idade, filiação, residência, profissão ou meios de vida e lugar onde exerce a sua atividade, ou sabe ler e escrever e se tem Advogado, respondeu chamar-se: JOSÉ GENOINO NETO, filho de Sebastião Genóino Guimarães e de Maria Laís sobre Guimarães, com 27 anos de idade, natural de Quaporumbom, Est. de Ceará, condenado em 1-5-46, pelo crime de roubo, estudante de Direito e Filologia da Universidade do Ceará, residente no Sítio da Gamela, Município de São João do Arruaia em Pará. Tem como Advogado os Drs. Virgílio Aguiar Lopes e Maria Rosa Maria Cardoso da Cunha.

Em seguida foi interrogado da seguinte maneira: a) onde estava ao tempo em que foi cometida a infração e se teve notícia desta e do que tornou; b) se conhecia a pessoa ofendida e se testemunhas arroladas na denúncia, desde então e se tem alguma coisa a alegar contra elas; c) se conhece as provas contra ela apuradas e se tem alguma coisa a alegar a respeito das mesmas; d) se conhece o instrumento com que foi praticada a infração ou quaisquer dos objetos com ele relacionados e que tenham sido apreendidos; e) se é verdadeira a imputação que lhe é feita; f) se, não sendo verdadeira a imputação, sabe de algum motivo particular a que deve atribuir a ocorrência e a pessoa ou pessoas a que deve ser imputada a prática do crime e se com elas esteve antes ou depois desse fato; g) se está sendo ou já foi processado pela prática de outra infração e, em caso afirmativo, em que Juízo, se foi condenado, qual a pena imposta e se a cumpriu; h) se tem quaisquer outras declarações a fazer. Respondeu o seguinte: que, pelas razões não conhece as testemunhas da denúncia, razão porque não tem a alegar contra elas; que, nos últimos 3 anos residiu nos municípios de Caracaras, até 1969 residiu em Fortaleza, Est. do Ceará, e estudava na Faculdade de Direito da UFC; que, de 1969, posteriormente no município de Caracaras até 1970, residiu neste Estado de São Paulo, no CRUSP; e, posteriormente de 1970 até 1972, morou no Sítio da Gamela, localidade no município de Arruaia, no Estado de Pará; que a denúncia é impropria, pois o crime que se a acusa não deve ser considerado crime, não sendo há provas suficientes para tanto de policiais ou testemunhas, razão pelo depoimento consistente de auto de qualificação e obter o registro de file. 687/69 sendo, que não foi para o interrogatório com a vítima presente, pois foi obtido o depoimento da vítima em 1972; que não tem a

assinatura do juiz: *José Genóino Neto* e *Virgílio Aguiar Lopes*

ganado se tem outras declarações a fazer disse que sim e respon- deu: "que foi preso no dia 18 de abril, levado para um barraco, que era sua residência, local que foi pendurado por três vezes no pau de arara, comafogamento. Amarraram-no numa forquilha com as mãos para trás e começaram a bater em todo corpo e colocaram-no, durante duas horas, em pé com os pés em cima de duas latas de leite condensado e dois tições de fogo debaixo dos pés. Ao ser transportado para a cadeia de Xambioá, amarrados com as mãos para frente e com uma corrente nos pés, jogado numa cela totalmente escura, durante dois dias passou a receber os chamados "telefones"; choques elétricos e pancadas em todo o corpo. Quando foi levado para Brasília, não podendo se mover para subir no caminhão do Exército, levantaram-no pelos cabelos, algemado e com corrente nos pés, foi sendo torturado na carroceria do caminhão. Em Brasília, passou um mês numa cela solitária e úmida, sendo torturado quase que diariamente, com choques elétricos, pau-de-arara. Essas sessões de torturas eram supervisionadas pelo General Antonio Bandeira, Comandante da 3ª Brigada de Infantaria. Ao ser levado novamente para Xambioá três policiais, membros do CCDI e subordinado ao Comando Militar do Planalto, foi entregue ao Corpo de Fuzileiros Navais que estavam em Xambioá e ao lhe entregar disseram o seguinte: "este é presunto, se morrer não tem problema, ninguém sabe que ele está preso e nós falamos que ele tentou a fuga". Imediatamente foi levado para a barraca dos Oficiais e amarrado num tronco de árvore, passou a ser novamente torturado. Neste lugar, onde estava sendo torturado, era uma base militar, cercada de arame farpado, com buracos no chão de três metros quadrados, onde estavam presos muitos lavradores, que naquele mesmo lugar sofriam toda sorte de torturas. Nesse período em que esteve em Xambioá, viu quei para a roças e casa de lavradores com bombas de Napalm, lança chamas e desinfetantes. A sua casa, nas suas proximidades, helicópteros sobrevoavam metralhando toda região. Além das torturas que sofreu naquela base militar, além de várias ameaças, principalmente quando lhe mostraram o corpo de Bergsson Jurjão Farias todo furado de balas. Nesse dia voltou a ser novamente torturado, porque, segundo os militares, Bergsson teria matado um tenente, do corpo de paraquedistas. De volta para Brasília ficou incommunicável durante nove meses, sofrendo torturas e vendo muitos presos sendo torturados, no presídio do Pic. Entre os seus presos estavam: Rildo Kalano, José Porfírio, Geraldo Marques, Eduardo Monteiro e outros. Durante toda sua permanência do presídio do Pic sempre foi interrogado com um capuz na

causa a acusação que lhe é feita "ter idéias políticas e que se põe no atual regime e que professam um regime novo democrático popular"; que não conhece pessoa ou pessoas a que deve ser imputada a prática dos fatos narrados na denúncia; que "foi cientificamente aver siado condenado nesta Auditoria, à revelia, à pena de oito (8) meses de reclusão esclarecendo que não respondeu a outros processos criminais, pelo que consta"; que foi preso no interior do Est. do Paraná, no município de São João do Araguaia, em abril de 1972; que as pessoas que lhe prenderam eram "um grupo de bate-paus, capangas, que, junto e cumprindo ordens do Exército efetuaram a sua detenção"; que em 1967 foi presidente do diretório acadêmico da Faculdade de Filosofia da UFC; que, naquela época conheceu Bergsson Gurjão do Amaral que se tornou seu amigo pessoal e a quem dedica toda sua estima e admiração esclarecendo que Bergsson também estudava na UFC; que não conhece Pedro Albuquerque Neto, João de Paula Ferreira, Oséas Duarte de Oliveira, vulgo "Mateus"; que, no mes de maio de 1968, foi eleito presidente do DCE da UFC; que, em julho de 1968, viajou até São Paulo e aqui chegando encontrou-se com dirigentes da UNE objetivando a preparação do Congresso de Ibiúna, esclarecendo que dentre outros se encontrou em assembleias estudantis com Luiz Travassos; que, naquela ocasião chegou a ser detido durante 10 dias; que, depois de solto regressou à Fortaleza e continuou as suas atividades no DCE até dezembro de 1968; que, após a edição do AI-4, perseguido e proibido inclusive de trabalhar, pois ao tempo trabalhava na IBM do Brasil, mudou-se para São Paulo e foi residir no CRUSP como já disse; que, aqui em São Paulo reencontrou-se com seu amigo Bergsson Gurjão de Farias; que não conhece Cilon da Cunha Brum; que não sabe quem é Carlos Nicolau Danieli ou alguém com o cognome de Antonio ou Pontes; que não conheceu também Orestino Guimarães; que nesta cidade não desenvolveu nenhuma atividade político-estudantil; que conheceu, no Congresso de Ibiúna Jean Marc Van Der Weid, que não conheceu Rioko Kainao, Sueli Yumiko Kainano, Persival Menon Maricato, Ronald de Oliveira Rocha e Sueli de Souza, Eleiza Resende; que, em 1968, chegou a ler o denominado jornal "O Movimento" que era editado pela UNE; que não sabe quem é Maurício Grabois; que, igualmente não conhece José Humberto Bronca, José das Neves e Glenio de Sá Ferreira; que quando deixou São Paulo em 1970, viajou "diretamente para Anápolis, via Brasília, viajou pela Belém Brasília até a cidade de Xambioá e de lá deslocou-se de barco através do rio Araguaia até o seu endereço já citado"; que, que de Brasília até Xambioá viajou de ônibus; que, na região de Gameleira residia só; que em Gameleira, "tinha uma casa, um sítio e uma roça a qual tomava todo seu tempo"; que lá não conheceu ninguém com o nome de Osevaldo Orlando Costa ou "Osevaldão"; que, quando



[Handwritten signatures and notes on the right margin]

morou na região de Gameleira, não conviveu com Sueli Humilo Ka-
 meiana, Edalício Soares da Veiga Filho, Walkíria Afonso Costa ou
 Zezinho, "Gil, Perí, Tuca, ou Dona Maria, Dina, Lourival, Lia,
 Raul e Cilon da Cunha Trum"; que antes da sua prisão, no dia 18
 de abril de 1972, não tinha conhecimento de nenhum movimento
 guerrilheiro naquela área, referindo-se à Kambicó e adjacências
 que nunca ouviu falar no Castanhal de Antonio Guilherme Ribeiro
 Ribas ou José Ferreira; que próximo ao lugar onde morava existia
 uma localidade conhecida como Couro Dantas; que não conheceu João
 Amazonas de Souza Pedrosa, vulgo "Cid"; que também não sabe quem
 é Angelo Arroio, vulgo "Joaquim"; que não conheceu Luísa Ribeiro
 dos Reis ou "Lúcia"; que, por volta do mês de junho de 1972, soube
 dos policiais que o torturavam que tinha havido um movimento guer-
 rilheiro naquela área e inclusive lhe disseram que tinha havido
 combates com tropas do Exército; que num dos dias em que estava sendo
 interrogado lhe mostraram o corpo de Bergsson Gurjão de Farias,
 de um jovem de 25 anos que foi morto à baionetas, que estava de ma-
 lária; segundo informações dos policiais, não podendo ao ser perseguido
 digo, ao ser perseguido, correr ou se movimentar e que as últimas
 palavras, segundo os policiais ditas por esse jovem viva o povo
 e abaixo a ditadura (sic); "e também quando estava o interrogando
 na cadeia de Kambicó, na cela ao seu lado, foi enforcado um la-
 vrador que se chamava Lourival Paulino"; que nunca esteve em ne-
 nhuma farmácia, localizada em Santa Cruz e administrada por Amari
 de Azevedo Siqueira; que em Gameleira morava só mas trabalhava
 com todos os trabalhadores, ou melhor, moradores que se situavam
 nas margens do Gameleira; que "algumas vezes em que esteve doente
 comprou remédios na cidade de Kambicó, onde também adquiria al-
 guns gêneros alimentícios; que possuía armas, pois usava espin-
 gardas para caçar e arma de defesa pessoal, porque morando naquela
 região, na selva, essas armas se faziam necessárias para sua de-
 fesa e sua alimentação através da caça (sic); que assim além da
 espingarda já citada possuía também um revólver calibre 38; que
 a munição adquiria lá mesmo (sic); perguntado porque resolveu
 ir para aquela região disse: "nas cidades de Fortaleza e São Paulo,
 sendo perseguido e impedido de estudar e trabalhar foi correr
 digo, morar no norte do País, imaginando ser um lugar onde podia
 se viver feliz e tranquilamente"; que nunca foi processado na
 Antônia da 1ª. OLL por não constar nenhum processo (sic). Por

[Handwritten note on the right margin]

guntar se tem outras declarações a fazer disse que sim e respondeu: "que foi preso no dia 18 de abril, levado para um barraco, que era sua residência, local que foi pendurado por três vezes no pau de arara, como fogueamento. Amarraram-no numa forquilha com as mãos para trás e começaram a bater em todo corpo e colocaram-no, durante duas horas, em pé com os pés em cima de duas latas de leite condensado e dois tijões de fogo debaixo dos pés. Ao ser transportado para a cadeia de Xambioá, amarrados com as mãos para frente e com uma corrente nos pés, jogado numa cela totalmente escura, durante dois dias passou a receber os chamados "telefones"; choques elétricos e pancadas em todo o corpo. Quando foi levado para Brasília, não podendo se mover para subir no caminhão do Exército, levantaram-no pelos cabelos, algemado e com corrente nos pés, foi sendo torturado na carroceria do caminhão. Em Brasília, passou um mês numa cela solitária e úmida, sendo torturado quase que diariamente, com choques elétricos, pau-de-arara. Essas sessões de torturas eram supervisionadas pelo General Antonio Bandeira, Comandante da 3ª Brigada de Infantaria. Ao ser levado novamente para Xambioá três policiais, membros do CODI e subordinado ao Comando Militar do Planalto, foi entregue ao Corpo de Fuzileiros Navais que estavam em Xambioá e ao lhe entregar disseram o seguinte: "este é presunso, se morrer não tem problema, ninguém sabe que ele está preso e nós falamos que ele tentou a fuga". Imediatamente foi levado para a barraca dos oficiais e amarrado num tronco de árvore, passou a ser novamente torturado. Neste lugar, onde estava sendo torturado, era uma base militar, cercada de arame farpado, com buracos no chão de três metros quadrados, onde estavam presos muitos lavradores, que naquela mesmo lugar sofriam toda sorte de torturas. Nesse período em que esteve em Xambioá, viu quei para as roças e casa de lavradores com bombas de Napalm, lança chamas e desfolhantes. A sua casa, nas suas proximidades, helicópteros sobrevoava metralhando toda região. Além das torturas que sofreu naquela base militar, além de várias ameaças, principalmente quando lhe mostraram o corpo de Bergsson Jurjão Farias todo furado de balas. Nesse dia voltou a ser novamente torturado, porque, segundo os militares, Bergsson seria metado um tenente, do corpo de paraquedistas. De volta para Brasília ficou incommunicável durante nove meses, sofreu torturas e vendo muitos presos sendo torturados, no prédio do Pico. Entre esses presos estavam: Bioko Kaiano, José Porfírio, Geraldo Marques, Eduardo Monteiro e outros. Durante toda sua estadia em Xambioá com um carvão na



8497

715 V

ameaças e todas as torturas sofridas no Rio e na cidade de
 Brasília e que todas as arbitrariedades cometidas contra o povo
 daquela região eram feitas pelo Exército, comandado pelo General
 Antônio Carneiro, supervisionado pelo General Nianna Mague, Co-
 mandante do Comando Militar do Planalto. Quando chegou em São
 Paulo, local em que assinou este relatório, apresentado pelo DOPS,
 foi novamente ameaçado e colocado, nas dependências do DOPS,
 numa cela solitária, incommunicável. Que existia um foto que re-
 presentava uma constante ameaça para si: foi saber que ao seu
 lado, também numa cela individual e solitária, estava um res-
 posta com o nome de Régis Aquino Duarte que falou para o Interro-
 gando que estava preso há dois anos, incommunicável. Que passou
 por Mercedes do Rio, Brasília, OBAN e DOPS, e, em todos os lu-
 gares sempre ficou em celas solitárias sem ficha e sem nenhuma
 identificação de seu nome verdadeiro. Nesta oportunidade o in-
 terrogando colocou nas mãos desta Auditoria, responsabilidade pela
 sorte e pela vida desse jovem, filho desse jovem. Ainda tem a
 declarar o seguinte: quando estudante, defendeu na Universidade
 o direito que os estudantes tem de participar da vida de seu
 país, da vida de seu povo. Que foi contra a intervenção estrangeira
 na Universidade, a falta de condições materiais, as leis
 que proibiam a livre funcionamento das entidades estudantis. De-
 fendia a cultura nacional e a democracia dentro das escolas. Con-
 traria a idéia fascista de criar a juventude do silêncio e
 do medo. Que tal doutrina tem sua materialização no Decreto 477.
 Quando como estudante, defendeu o direito dos estudantes de orga-
 nizarem e terem a sua entidade livre, a União Nacional dos Estu-
 dantes. Como já falou anteriormente, morou aqui, digo, dois anos
 no Interior do Pará, trabalhando na lavoura e que foi preso no
 norte do país porque estava sendo perseguido e impedido de es-
 tudar e trabalhar na cidade. Que durante o tempo que morou na
 Amazônia, viu o atraso e o abandono em que vive o homem do In-
 terior, sem assistência médica, em escolas, sofrendo arbitrariedades
 policiais, no sentido das coisas, digo, pelos gran-
 des posseiros de terras. Trabalhou também em Cassipora, Comarca
 maricairas e diversas localidades. Nestes lugares o homem de
 campo recebe baixos salários e tem dificuldade de receber qualquer
 salário, pois em época de trabalho recebe gêneros alimen-
 tícios e depois por um tempo não vê mais nada de que na

Handwritten signatures and notes on the right margin, including names like 'M. de S. P.' and 'M. de S. P.' and other illegible scribbles.

Vertical handwritten notes on the far right edge of the page.

cidade. Também viu na região Amazônica a ocupação ilegal e legal, de grupos estrangeiros, principalmente americanos, que tomam conta de grandes extensões de terras e de toda exploração do minério naquela região, citando por exemplo, a reserva de minério da terra dos Carajás, que é explorada pela Mericonal, subsidiária da United States Steel e que os lavradores, que exigem uma vida mais humana e digna naquela região, que colocam-se contra a exploração dos proprietários de terras, dos grileiros, das companhias estrangeiras, sofrem perseguição por parte do Exército Nacional. No seu entender esta situação não diz respeito só à Amazônia, mas em todo o País, e que comprovou quando estudante da Universidade e quando corava com sua família até aos 14 anos de idade, no nordeste. Acha que está sendo acusado porque tem idéias políticas que dizem respeito ao progresso social, à democracia e à independência de nosso País e que, exatamente por estas idéias, muitas pessoas são presas, torturadas, assassinadas, em todo o País. Vejamos o exemplo do que aconteceu no interior de Mato Grosso, quando o Padre Francisco Gentel, foi preso e condenado há 10 anos de prisão e que o Bispo de São Félix, de Mato Grosso, segundo os jornais, está sob prisão domiciliar, exatamente, porque estando do lado do povo pobre e oprimido. Solicita desta Auditoria que para comprovar a vida que tinha no interior do Pará e que nunca pertenceu ao movimento guerrilheiro, pudesse ser ouvido pessoas daquela região e que também para comprovar as torturas que passou, solicita um exame de marcar que tem no corpo, em suas pernas e em seus braços e em seus pés". Respondendo às perguntas formuladas pelo Sr. Presidente do Conselho disse que: "Que, em Camaleira adquiriu seu sítio por cerca de cento e poucos contos, esclarecendo que a gente compra a posse porque a área não é demarcada, mas calcula que a sua propriedade deveria ter um quilômetro quadrado de extensão". Que as benfeitorias do sítio local comprou-as por cento e poucos cruzeiros (sic); que era conhecido naquele local e todos os moradores daquela região eram seus conhecidos e amigos (sic); que trabalhava com eles, trocava dias de serviço, caçava com eles; que desconhece o motivo preciso de sua detenção mas sabe que eles estavam cumprindo ordens do Exército e recebendo dinheiro para prenderem qualquer condutor daquela região (sic); que todos as pessoas citadas nesse depoimento e vítimas de torturas não têm nada com o movimento guerrilheiro mencionado na denúncia; E, como nada mais disse e nem lhe foi perguntado pelo Dr. Auditor por tudo o presente interrogatório que o relato de vida e de vida continua a ser assinado no fim do dia.

MINISTERIO DO EXERCITO

CEP/11^{ARM} - 2^a SEÇÃO

CENTRO DE OPERAÇÕES E DEFESA INTERNA

INTERROGATORIO Nº 01 DATA 31 JAN 73 EQUIPE

PROTÓCOLO 1151000

- INTERNO -

N.º 297 103/211973

IMPLANTADO

NOME: CELESTINA ALICE SCHEMIDT DE ALMEIDA

NOME COMPLETO: _____

SOBRENOME (S): "ALICE FERREIRA DA SILVA" "ALICE"

ORGANIZAÇÃO: PC do B SETOR: CAMPO - SE DO PARÁ

DATA NASC: 17-04-1946 NATURALIDADE: SANTOS/SP PAIS: -

- ANTECEDENTES DE VINCULAÇÃO POLÍTICA

Por volta de 1964 em contatos com colegas no Colégio Estadual de Belo Horizonte começou a tomar conhecimento da existência dos movimentos de esquerda dentro de um quadro organizado.

Começou a ler livros tais como: Princípios Fundamentais de Filosofia (vários autores), alunos do Politzer; Livros sobre Vietnã, livros diversos sobre História e Economia, Romances de Jorge Amado, Lima Barreto, a Geografia da Fome- Josué de Castro, Gorki (os melhores contos), conseguidos ora emprestados de colegas, ora na Biblioteca Pública e comprado.

Em 1966 mudou-se para o RIO em face da decisão do pai, que era funcionário da REDE MINEIRA DE VIACÃO, e que estava envolvido em Inquéritos tendo abandonado o emprego e ido residir em NILÓPOLIS. Depois de alguns meses seu pai mudou-se para São João de Meriti e ela ficou com a mãe MARIA AMELIA DE ALMEIDA TELES.

Em 1967 foi morar no Internato da Escola Ana Nery em Botafogo, quando começou a fazer o curso de Enfermagem. Ali começou a participar de política estudantil tendo chegado a Presidente do Diretório Acadêmico / Enfermeira Lais, da própria escola. Eram companheiras de Diretoria: Vice Presidente WAITA; Tezoureira: MARIA DO SOCORRO, que se lembra.

Aos poucos foi adotando as idéias do PC do B mesmo sem pertencer a organização, desde Belo Horizonte.

- Na residência do cunhado - CESAR AUGUSTO TELES, era impresso o jornal Classe Operária (mimeógrafo) que recebia as matrizes prontas. Ajudava a imprimir o jornal. Acredita que o material fosse levado por CARLOS NICOLAU DANIELI "CLAUDIO" "SIS" "FONTE" "ANTONIO". O jornal tinha cerca de 10 (dez) páginas e impresso em mimeógrafo a tinta na sala da casa, durante o dia, de modo discreto. As vezes o seu cunhado saía com o embrulho ou levava, aos poucos, outras ocasiões o DANIELE recebia os exemplares. Depois que foi para o internato não participou mais do tra-

IMPLANTADO

- 5 -

menta de viajar e assim, atrazavam muito. Levavam alguns mantimentos e foram conseguindo mais ao longo do caminho. Na entrada de MURABÁ foi deixada pelo indivíduo. Tomou um ônibus para TOCANTINÓPOLIS, depois para GOLÂNIA e finalmente para SÃO PAULO onde através da APAB foi procurar a sua irmã.

Possuam 3 armas: 1 Rifle 44, 1 Espingarda 20 e um Revolver / 38. Havia bastante munição - tinham estoques na venda.

Reconheceu no mapa o local onde ficou porque a casa do rio era em frente a ILHA DA MONTANHA. Havia um rio com o nome de FAVEIRO mais abaixo e o RIO SURUBI mais acima.

Pelo pessoal que soube fazer compra se lembra dos nomes de locais tais como BACURIZINHO e BACURI GRANDE. Que se recorda que Bacurizinho era o nome do rio mas o pessoal dizia que morava no BACURI GRANDE.

No album de XAMBICÁ reconheceu: DANIELEZ e CIRO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA.

FILIAÇÃO:

- JOFRE DE ALMEIDA e
- LUCIA SCHEMIDT DE ALMEIDA

OBS:- Carteira de Identidade de BELO HORIZONTE (extraviada).

balho.

- Compareceu ao Congresso de IBIUNA/SP como uma representante do Diretório do qual era Presidente. Viajou para São Paulo com ajuda financeira do Diretório para passagem de ida. Em São Paulo ficou no CRUSP durante o dia e seguiu para IBIUNA de carro particular. Foi presa em IBIUNA e levada para SÃO PAULO - Presídio Tiradentes; depois levada para o RIO no DOPS, fazendo ao todo cerca de 15 dias presa. Retornou à escola (2º ano) e terminou o ano ficando dependente de uma matéria.

B - A LIGAÇÃO COM O PC do B ^{qual?}

No RIO conheceu um estudante de nome LUIZ que cursava uma das Faculdades na Praia Vermelha, e era do PC do B, era líder estudantil; apesar de não falar nas reuniões era muito relacionado e, nas conversas com a depoente, tendo em vista o seu medo de ser novamente presa, propoz ir para o interior trabalhar, que esta ida seria nos seguintes termos: o interior interessa ao partido - a depoente conhecia os objetivos do PC do B pelas leituras e discussões com "LUIZ", "CIRO", "PONTES", sua irmã e seu cunhado. LUIZ também sabia que ALICE queria ir para o interior, assim iria trabalhar como enfermeira, e realizar um trabalho que interessa ao Partido mais diretamente; que fosse conhecer o campo, seus costumes, sua vida. No Rio não se falou em luta armada, se bem que, este assunto era citado nos documentos do Partido.

Decidiu então arranjar trabalho de campo e com uma certidão falsa com o nome de ALICE FERREIRA DA SILVA fornecida pelo LUIZ, embarcou em 1969 com destino a BRASÍLIA acompanhada por ele. Em BRASÍLIA ficaram algumas horas na Estação Rodoviária e tomaram um ônibus para ANAPOLIS onde pernoitaram em um Hotel. No dia seguinte embarcaram para IMPERATRIZ mas ele não sabia o destino, no meio da viagem ao longo da BELEM-BRASÍLIA foi feito o primeiro contato e ela foi apresentada a JOÃO BORGES FERREIRA "JOCA", seu companheiro de viagem dali para frente. Em IMPERATRIZ pararam num hotel e no dia seguinte seguiram de barco pelo Rio Araguaia até o local que soube se chamar PONTA DA PEDRA, na margem da referido Rio e próximo a ILHA DA MONTANHA, Região próxima à FAVEIRO.

Foi então apresentada ao "ZECA" - JOSÉ CARLOS com quem viria posteriormente a viver maritalmente e é, o pai do filho que vai nascer no próximo mês.

Recebeu instruções de não se abrir com os locais a respeito da sua condição de membro do PC do B e só conversava política com os

MARIO - MAURICIO G...

PLANTADO

que era explorada pelo grupo e ainda havia uma casa a um dia de caminhada, onde abriram uma roça.

As mercadorias eram trazidas de MARABÁ, e ARAGUATINS por vários barqueiros, entre eles: BALANO BRANCO, BALANO PRETO, ADELINO (comprador de coco), ALBERICO e um outro que só comprava farinha de cujo nome não se lembra; e os barqueiros, às vezes, recebiam encomendas de artigos para a venda, de JOCA e ZECA e as traziam de MARABÁ ou ARAGUATINS.

→ João Borges FERREIRA

Ficou caracterizada para a depoente que o objetivo inicial dos grupos era a adaptação à área, costumes e utilização dos recursos locais, sobrevivência na mata, cultivo de uma roça e conhecimento da área. Os rapazes andavam constantemente.

Foi dito a ela que havia outros grupos de companheiros no interior, não só daquela área, mas em todo o Brasil procurando se radicar no interior para atender a linha política do PC do B.

Não tinha conhecimento da extensão da área nem da quantidade / de grupos. Tomou conhecimento em detalhes dos problemas de IAMBICÁ através de jornais em SÃO PAULO e da informação de DANIELI de que eram membros do Partido que estavam lá também.

Em 1970 seu estado de saúde era muito precário, tinha febras constantes e por isso foi retirada da casa do Rio indo para a Roça juntamente com ZECA e JOCA os quais, entretanto não se fixavam muito, geralmente havia um deles andando, fazendo contatos no que eram muito reservados para com ela.

Das pessoas que frequentavam a venda na margem do rio, fece a aproximação com ZECA, acredita que o Sr LANDIM fosse membro da organização bem como seu irmão LUIZ que moravam bem distante e mais para o interior em direção a TRANSAMAZONICA.

Quando se afastaram do rio a casa foi ocupada por um casal de membros da organização HUMBERTO e GINA.

Visitava-os esporadicamente. HUMBERTO tinha cabelos pretos, barba cerrada, ^{morena} cutis ~~escura~~, forte e era muito fechado. GINA tinha cabelos castanhos claros, nos ombros, era alta - cerca de 1,70m - e com ela conversava mais. GINA se queixava muito dos preconceitos que haviam. Elas ficavam "de fora" por fora" dos acontecimentos.

Durante o tempo em que morou na margem do rio foi visitada por D. MARIA e Sr MARIO. A mulher era loura - usava óculos e tinha cerca de 50 anos - (não reconheceu ELZA MCWERAT como sendo D. MARIA). MARIO - mais velho, cabelos grisalhos e meio calvo. Falavam sobre política e os trabalhos que estavam fazendo.

... da célula do PC ...

PC de 16

5-I 49

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
II - EXÉRCITO
- QUARTEL GENERAL -
CQD/II EX - /OOI

CIO Nº 606/72-F/2-OOI

São Paulo - SP
Em 16 de setembro de 1972
Do Chefe da 2ª Sec/II Exército
Ao Sr. Diretor do DOPS/SP
Assunto: Apresentação de preso

*Arquivado
S. D. 14.11.72*

1. O Exmo. Gen. Chefe do Estado-Maior do II Exército, Chefe do Centro de Operações de Defesa Interna, incumbiu-me de apresentar-vos o indivíduo DOWER MORAES CAVALCANTE, a qual se encontra preso no Destacamento de Operações de Informações, a fim de prestar depoimentos nesse Departamento.
2. Informo-vos que o referido indivíduo, após ouvido, deverá retornar ao OOI. Para tanto escolta que o conduz, aguardará nesse Departamento.
 3. Segue, anexo, os resumos de declarações.
 4. Na oportunidade, apresento-vos protestos de consideração.

FLÁVIO HUGO LIMA DA ROCHA - Cel
Chefe da 2ª Sec/II Exército

POR DECAIR

Carlos Alberto Ustra
CARLOS ALBERTO BRILHANTE USTRA - Maj
Com. do Destacamento de Operações de Informações

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLITICA E SOCIAL/ATIVO	
S. 31/01/72	
5079	29/02/72

ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA DE GRUPO SOCIAL
Protocolo número 40.296
Linha 13/01/72

IMPLANTADO

cimento se ele esteve na área. Acredita que não.

Em meados de 1971 JOCA comunicou que o Partido havia resolvido adotar uma organização da base de Destacamentos e que eles pertenciam ao Destacamento "A". Não tem idéia do efetivo do Destacamento ou quantos grupos haviam. ELI, ZECA, JOCA, HUMBERTO, GINA, LANDRIM e seu irmão (LUIZ?) deviam constituir um grupo pois havia maior contato entre eles e que JOCA era, sem dúvida o líder e que sempre dizia haver outros núcleos que poderiam se unir em todo ou em parte para qualquer ação necessária. Aconselhou a intensificação da prática da caça e da vida no mato, para onde teriam que ir em caso de necessidade.

Naquela época então, falou-se mais diretamente na luta armada e na expectativa de choques. Deviam continuar encobrendo seus principais objetivos, dos moradores locais. Quando estivessem preparados e bem identificados com a área e seus moradores iniciariam um trabalho político de aliciamento indireto, levantando reivindicações de posseiros e aos poucos indo conseguindo adeptos até chegar a uma estrutura que permitisse se manter na área mesmo com luta.

Se bem que não houvesse sido esclarecida pelo JOCA, acredita que a ação estivesse diretamente subordinada ao Comitê Central. Não tem conhecimento de nenhuma liderança global na área.

Em abril de 1972 JOCA chegou dizendo que o Exército e a Polícia estavam realizando batidas e, em consequência deviam abandonar a casa e se embrenhar no mato. HUMBERTO e GINA também se afastaram da venda. Não os viu mais, porém acredita que estavam por perto pois que JOCA que saía muito, falava que eles estavam bem. Levaram roupa, rede e alguns mantimentos em sacos improvisados como mochila e passaram dois meses no mato andando sempre.

JOCA e ZECA afastavam-se constantemente dos locais onde acampavam e traziam mantimentos. Em algumas vezes achou que os volumes eram demais para um transporte longo, não sabendo se outros os ajudavam até próximo dos locais onde eles se encontravam ou se iam buscar em locais pré-determinados.

Disse que JOCA havia comentado ser necessário haver reservas para poderem sobreviver na mata. Não sabe se havia depósitos ou se os mantimentos eram apanhados em casa de colaboradores.

Certa vez JOCA trouxe a informação de que o Exército de fato, havia apreendido, feito apreensões de armas e que permanecia na área.

Devido ao seu estado de saúde, em junho, ficou decidido que devido a área. Certo dia apareceu um indivíduo morando com traco

Sub-Chefe: "PERI" X

Outros: SUELY YONLEO KAKAYMA ("ORTIGA"), "TUCAL", "MANOEL" e o
depoente;

4. que o trabalho do depoente na ALBA se resumia na ajuda do aspecto legal, trabalhando na roça, e recebendo aulas de instrução sobre tiro, emboscada, assalto, fustigamento, corte de contato com o inimigo, caça, camuflagem, etc..., não tendo o depoente realizado nenhum trabalho de massa, por proibição da Direção, da qual, o depoente se ressentiu, por se julgar discriminado politicamente; que o trabalho de massa era basicamente feito com visitas as casas dos camponeses, ampliando a amizade na região, sendo feita depois a propaganda revolucionária, com a difusão do programa do "MOIPO" (MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO);
5. que o "MOIPO" do EC do B foi explicado pelo Comissário Político do mesmo, JOÃO AMASOMAS DE SOUZA PEDROSA ("CILI"), que advertiu a todos que como membros do Partido, estavam incluídos nele, devendo também participar; que este Movimento tinha dois documentos básicos, o programa de reivindicações mínimas e o Código de Justiça Militar;
6. que o programa de reivindicações mínimas se divide em três partes: a primeira, é um levantamento dos problemas de todos os trabalhadores da região (lavradores, garimpeiros, índios, cangaceiros, pescadores, etc...); a segunda mostra a saída (solução) para seus problemas; a terceira, concita o povo local a se unir, na luta armada, anti-imperialista, por um novo governo, o chamado Governo Popular Revolucionário;
7. que o Código de Justiça Militar mostra em primeiro plano a estrutura do Movimento, que seria formado por uma Comissão Política composta de três membros, com o poder de Direção Geral e

MINISTÉRIO DO EXERCÍCIO

I - EXERCÍCIO

D O I

Nº 257/73 INT: Arquivo DATA: 13 Jun 73 DE 08.00 ÀS 11.30 horas

NOBRE: GERALDO FERNANDES DE SA

CODINOME: "MÁRIO" ORG: PC do B

Ao ser perguntado sobre suas atividades na denominada "ÁREA DE CAMPO" do PC do B, respondeu o seguinte:

1. que ao colocar-se à disposição do Partido para ir para o campo, foi passado para CARLOS NICOLAU DANIELI ("EDMUNDO") do Comitê Regional, num ponto à noite, ao lado da Igreja do CORAÇÃO DE JESUS, em FORTALEZA, pelo seu assistente de base, "PEDRO"; que o depoente saindo deste ponto, foi levado num Volks claro, vendendo, andando de carro cerca de 25 minutos, saltando numa rua asfaltada, numa casa de muro baixo, ficando o depoente num quarto amarelo;
2. que CARLOS NICOLAU DANIELI ("EDMUNDO") no local lhe apresentou a outro dirigente JOSÉ DUARTE ("RAMALHO"), quando foi traçado seu deslocamento para a ÁREA; que o itinerário foi o seguinte: de FORTALEZA para SÃO LUÍS (MARANHÃO) com CARLOS NICOLAU DANIELI ("EDMUNDO") onde os aguardava OSWALDO ORLANDO COSTA ("OSWALDO"); saindo os três num caminhão, carregado de cimento até IMPERATRIZ, onde ficaram o depoente e OSWALDO ORLANDO COSTA ("OSWALDO") num hotel, cerca de dois dias, aguardando um barco, o qual os levou para SANTA CRUZ em SÃO JOÃO DO ARAGUAIA; (OBS: desceram o RIO TOCANTINS e subiram o RIO ARAGUAIA de onde foram para a região do GAMBUIRA);
3. que o grupo do depoente passou a ser este (GAMBUIRA), o qual compunha-se das seguintes pessoas:
 - 1º Chefe: JOSÉ GERJUNO NETO ("GERALDO") até ser preso;
 - 2º Chefe: AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA ("AMAURI") - entrou no lugar do 1º;

REC DO EX

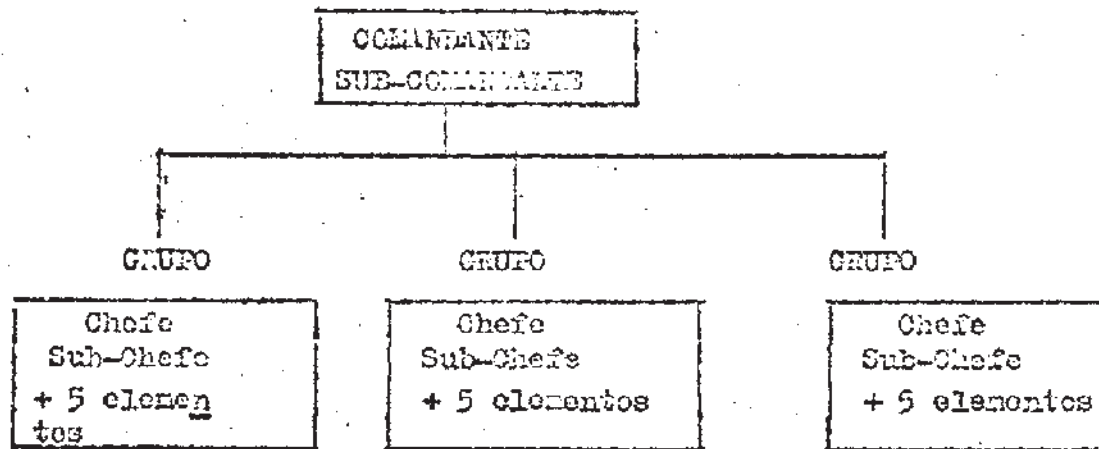
Sub-Chefe: "PERRI" ✓

Outros: SUREY YOSHIO KAWAYAMA ("CHICHA"), "TUCIA", "MAROEL" e o depoente;

4. que o trabalho do depoente na ÁREA se resumia na ajuda do aspecto legal, trabalhando na roça, e recebendo aulas de instrução sobre tiro, emboscada, assalto, fustigamento, corte de contato com o inimigo, caça, camuflagem, etc..., não tendo o depoente realizado nenhum trabalho de massa, por proibição da Direção, da qual, o depoente se ressentiu, por se julgar discriminado politicamente; que o trabalho de massa era basicamente feito com visitas as casas dos camponeses, ampliando a amizade na região, sendo feita depois a propaganda revolucionária, com a difusão do programa do "MOVIMENTO" (MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO);
5. que o "MOVIMENTO" do PO do B foi explicado pelo Comissário Político do mesmo, JOÃO AMARALAS DE SOUZA PEDROSA ("CIE"), que advertiu a todos que como membros do Partido, estavam incluídos nele, devendo também participar; que este Movimento tinha dois documentos básicos, o programa de reivindicações mínimas e o Código de Justiça Militar;
6. que o programa de reivindicações mínimas se divide em três partes: a primeira, é um levantamento dos problemas de todos os trabalhadores da região (lavradores, garimpeiros, índios, costanheiros, pescadores, etc...); a segunda mostra a saída (solução) para seus problemas; a terceira, convida o povo local a se unir, na luta armada, anti-imperialista, por um novo governo, o chamado Governo Popular Revolucionário;
7. que o Código de Justiça Militar mostra em primeiro plano a estrutura do Movimento, que seria formado por uma Comissão Política composta de três membros, com o poder da Direção Geral se

regia os Comandos de Destacamentos; que os Destacamentos são as maiores Unidades Militares para o início da luta, compondo - se de uma previsão de 23 elementos, onde seus dirigentes são autônomos na sua área de atuação, mas assistidos pela Comissão Militar, no emprego em operações maiores; que os Destacamentos se compõem de 3 grupos de 7 elementos, tendo cada um seu Comandante e Sub-Comandante; que os grupos, por sua vez, que são a menor Unidade Militar do Movimento, tem o "direito" de se auto-bastecer, tendo um Chefe e um Sub-Chefe; que o Sub-Comandante do Destacamento assume também a função de Comissário Político;

DESTACAMENTO



y TOTAL: 23 elementos.

8. que o Código de Justiça Militar mostra em segundo plano a Justiça Militar, que é composta por três membros em cada Destacamento: o Sub-Comandante, um Chefe de grupo escolhido pelo Comandante e um combatente eleito por todo Destacamento; que no caso de ser julgado um elemento de massas, a Justiça Militar (Tribunal) é acrescido de um quarto elemento do povo, do local do julgamento, eleito pelos próprios moradores da localidade; que são especificados ainda os tipos de julgamento, mas que doles o depoente não se recorda;

9. que além de JOÃO AMAZONAS DE SOUSA PEDROSA ("C19"), Comissário de

• possível geral de saúde de "KOLIFC";

10. que JOÃO CARLOS HAAS SOBRINHO ("JUCA") reunia-se com os "elementos de saúde" do destacamento "B" que eram: "TUCÁ", "LOURIVAL", ANTONIO THEODORO DE CASTRO ("RAUL") e SUELEY YONEKO KAWAYAMA ("ONICA");

11. que o destacamento "D", de qual o depoente fez parte, tinha as seguintes componentes, todas conhecidas pelo depoente:

Comandante: OSWALDO ORLANDO COSTA ("OSWALDO")

Sub-Comandante: JOSÉ HILBERNO BRONCA ("ZÉ FOGOIO", "ZECA")

GRUPO GAMBUIRA

• Chefe: JOSÉ GENÍLIO NETO ("OSWALDO"), substituído após sua prisão por novo Chefe: AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA ("AMAURI");

Sub-Chefe: "PSEI";

outros: SUELEY YONEKO KAWAYAMA ("ONICA"); GILBERTO FERNANDES DE SÁ ("GILBERTO"), "TUCÁ", "MANOEL";

GRUPO CASABIANE

• Chefe: CYLON CUNHA BRUM ("SILVIO")

Sub-Chefe: CLÁUDIO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA ("FLÁVIO")

outros: ANTONIO GUILHERME RIBEIRO RIBAS ("PEREIRA"), IDALÍSIO SOARES ARAÚJO FILHO ("PARANICIO"), VALQUIRIA APOENSO COSTA ("VALQUIRIA"), ANTONIO THEODORO DE CASTRO ("RAUL") e MANOEL JOSÉ NUNCIOS ("GIL");

• OBS: ANTONIO GUILHERME RIBEIRO RIBAS ("PEREIRA") era o Chefe, mas por divergências com o resto do grupo cedeu para CYLON CUNHA BRUM ("SILVIO") que veio do grupo COURO D'ANTAS;

GRUPO DO COURO D'ANTAS

Chefe: "ZEZIREO";

Sub-Chefe: "JOÃO GOLANO";

outros: "DINA", "LOURIVAL", "LIA";

12. que eram as seguintes relações sexuais (conjugais):

A - "LOURIVAL" e "LIA"; B - "PSEI" e "TUCÁ"; C - "JOÃO GOLANO" e "DINA"; D - IDALÍSIO SOARES ARAÚJO FILHO ("PARANICIO") e VALQUIRIA

13. que identifica as seguintes fotografias: HELENA DE SOUZA DA ZAREKH ("HELENA"), DORIS DE MORAES CAVALCANTE, CETO FLÁVIO BARRA ZAR DE OLIVEIRA ("FLÁVIO"), CARLOS FROSTAS DANIELI ("CARLOS"), ANÍCIO GUIMARÃES RIBEIRO MENDONÇA ("ANÍCIO"), FRANCISCO SOARES ARAÚJO FILHO ("FRANCISCO"), AMARIL DO AZEVEDO OLIVEIRA ("AMARIL"), JOSÉ GERVÁSIO NETO ("SERVALDO"), JOSÉ DUARTE ("DUARTE"), OSVALDO ORLANDO COSTA ("OSVALDO"), ARNÉLIO AUGUSTO DE CASTRO ("ARNÉLIO") e JOÃO ROCHA DE JESUS;
14. que acha parecidos com fotografias mostradas os seguintes elementos: MICHÉAS SOARES DE ALMEIDA ("MICHÉAS"), VALQUÍRIA AUGUSTO COSTA ("VALQUÍRIA") e ARNÉLIO AUGUSTO ("ARNÉLIO");
15. que OSVALDO ORLANDO COSTA ("OSVALDO") e JOSÉ MENDONÇA NETO ("JOSÉ FOCÓIO", "SESA") fizeram curso de guerrilha na CHINA COME FICCA;
16. que o depoente teve o seguinte deslocamento na área: GRAMA DO CASERMI, GRAMA DO CASERMI (onde ficou a maior parte do tempo) e GRAMA (onde se separou do grupo); que o grupo ia se deslocar para SARANAL e MARICHO (este último onde OSVALDO ORLANDO COSTA ("OSVALDO") já tinha trabalhado como garimpador);
17. que o armamento do Destacamento era constituído por revólveres Taurus 38 (todos tinham), um rifle 44, uma espingarda 16, uma 20, uma carabina 22, uma arma de fabricação caseira que dava 10 tiros 38 e uma metralhadora TOMCOSS de OSVALDO ORLANDO COSTA ("OSVALDO");
18. que "ELI" veio de SÃO PAULO, nível de científico, branco, complexão média, 1,70m, cerca de 26 anos, cabelos pretos lisos, olhos castanhos escuros, nariz afilado grande, tez branca, bigode e uma óculos; que "MARCOS" veio de ESPÍRITO SANTO, casado, Agrônomo, meio gordo, 1,65m, cerca de 27 anos, cabelos pretos

crespos, olhos negros, nariz normal, bigode e barba espessos, na ca-chapa de dentes (aparelho de correção); que "TUCAN", veio de SÃO PAULO, cursava Engenharia, é branca, gorda, 1,70m, cerca de 30 anos, cabelos louros lisos, olhos verdes, rosto estragado de espinhas; que "JOÃO SOLANO" veio da BAHIA, estudava Economia, é moreno, complexão média, 1,78m, cerca de 24 anos, cabelos pretos crespos, olhos negros, bigode e barba ralos, não usa óculos mas é míope, tem orelhas pequenas em relação ao resto do corpo; que "DINA" veio da BAHIA, é branca, 1,55m, cerca de 25 anos, cabelos negros lisos, usa óculos, olhos negros; que "LOURENÇO" veio da GUANABARA, estudava Medicina, é branco, forte, 1,80m, cerca de 26 anos, cabelos louros e lisos, olhos verdes, bigode e barba alourados; que "LILA" veio da GUANABARA, é morena, meio gorda, 1,60m, cerca de 24 anos, cabelos negros lisos;

OEC: é transcrito a seguir um depoimento manuscrito sobre deslocamentos na Área, acampamentos e normas de segurança utilizadas por ser julgado importante como avaliação das condições existentes: "em meados de abril fomos surpreendidos por uma ordem do OSWALDO ORLANDO DA COSTA ("OSWALDÃO"), ordenando a retirada nossa e de alguns materiais necessários (panela, pratos, coláctos, remédios e restos de comida). Fomos guiados por AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA ("AMAURI") que nos trouxe o bilhete de OSWALDO ORLANDO DA COSTA ("OSWALDÃO"), na seguinte ordem de marcha: AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA ("AMAURI") na frente, como guia JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("JOSÉ TCCOIO") como 2º homem; SUELI YOLIRO LAMAYARA ("CHICA") como 3ª, e "EU" como terra fila.

As ordens de segurança dadas por AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA ("AMAURI"), foram as seguintes: 1) procurar manter uma distância de 5m de um para outro; 2) o máximo de cuidado para não deixar rastro, sendo obrigação de todos e principalmente do terra-fila, apagar os rastros que fossem ficando; 3) não pisar à vontade, evitando o mínimo de barulho; 4) em caso de encontro casual, que era pouco possível naquela ocasião, dizia EIE, era

vista. Em caso de nebulosidade, os que estavam sem bússola ("EU" e SUREI YONIKO KAMAYANA), deveria procurar orientar-se pelo sol, pegando o ramo Sul que saíria nas redondezas da casa ou no CALEBEIRA perto da casa. ELE iria pagar mais ou menos 20¢ para o Korto.

Partimos já quase 10h da manhã, parando numa grota para almoçar, ao meio dia, dizendo ELE que dava nas águas do ANIKÁ.

Depois de mais umas 2h de marcha, topamos com a estrada que vai do CALEBEIRA e CASTANHAL, dizendo ELE ser bem próximo da casa do ANTONIO GUILHERME FERREIRO FERAS ("FERREIRA") e ordenando que eu viajasse o lado direito e JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ DO GOIÁ") e esquerdo, até ELE passar com a SUREI YONIKO KAMAYANA. Eles esperariam a uns 20m do lado oposto.

Reiniciamos a marcha, só chegando na grota do CASTANHAL, o local do acampamento, uma meia hora depois, dizendo ELE termos desviado um pouco para a direita.

ELE tirou um corte pelo mato, para evitar deixar rastros, perto da grota.

Alguns minutos depois demos num Pedral, e o AMAURI DE ABEVEDO SIQUEIRA ("AMAURI") deu três assovios, sendo imediatamente respondido por dois, por um sujeito que estava mais em cima. Era o IBALIZIO SOARES ARANHA FIDEO ("ARANHA") que estava de sentinela. Este sistema de SEMAL era utilizado por nós.

Andamos mais um pouco e demos no acampamento propriamente dito, onde se encontrava OSWALDO ORLANDO DA COSTA e todo o grupo do CASTANHAL. Reinava um ambiente de alegria. OSWALDO ORLANDO DA COSTA e o pessoal do CASTANHAL tinham as coisas de nossas coxas e OSWALDO ORLANDO DA COSTA falou para o pessoal do CASTANHAL juntar o que a gente tinha trazido de comida com a do acampamento. A comida que já estava no acampamento, era a seguinte: duas quartas de farinha, um saco de feijão, um saco de milho, uma lata a meia de açúcar, 15 pacotes de café, 10 latas de leite niinho e 15 de leite condensado, 10kg de sal. Nós levamos 15 rapadu

Depois dos experimentos, OSWALDO ORLANDO DA COSTA falou, que queria conversar com o ALAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA e deu ordem para o resto repousar.

OYLON GUNHA BRUNI ("SILVIO"), foi quem nos distribuiu, nos locais de dormida, falando que evitássemos cortes no mato. O acompanhamento era distribuído em círculo com o comando no centro.

A meia já saiu mais de 8h, dizendo OSWALDO ORLANDO DA COSTA que era para irmos nos acostumando não fazer fogo, durante o dia.

O CUGA ficava até tarde da noite preparando o quebra e o almoço e obedecia a um sistema de rodízio.

No dia seguinte, após o quebra, às 6h, OSWALDO ORLANDO DA COSTA reuniu todo o pessoal para distribuir as tarefas do dia.

O pessoal de CASTANHAIS ficou encarregado de trazer o máximo de castanha, fazendo também observação da caça, e "RUBI" do GAMBARRA iríamos bater um papo com "BEBE". Em primeiro lugar, realizamos um balanço da marcha, e que foi constatado como principal deficiência nossa, a questão dos rastros. Ficou visto, que teríamos que fazer logo um treinamento neste sentido.

Depois, BEB nos deu as normas de segurança de um acampamento: 1) falar baixo; 2) evitar cortes, para facilitar as camuflagens do mesmo quando retirarmos dali; 3) evitar pissoiros desnecessários, com a mesma finalidade; 4) não obrar fora da privada e em caso de diarreias, cavar um buraco para enterrar; 5) procurar ficar no seu local, enquanto permanecer no acampamento; 6) nunca se parar-se das armas.

Por fim, BEB falou que a nossa principal tarefa, neste início era a sobrevivência. Falando BEB, que era comer e evacuar. Sendo para isso, que nos acostumaríamos mais com a mata e a caça.

Depois fomos liberados, para aguardar o boião.

De 3h para 4h, chegou o pessoal de CASTANHAIS, com umas 15 latas de castanhas, que foram postas no paiol. Logo depois foi iniciada uma labração coletiva de castanha, para tirar um leite para o boião da junta, que era carne do matreiro.

(Continuação da Int nº 257/73, de 13 Jun 73, do DOI/I Ex - Fls 9)

No outro dia, após o quebra, OSWALDO ORLANDO DA COSTA reuniu todo o mundo e falou que teríamos uma semana sem nenhuma tarefa importante, ficando ao critério da iniciativa, a caça, a quebra do coco babaçu e a busca de castanha e banana no CASARIAL. Ficando proibidos de sair sozinho, para a caça: EU, ANTONIO GUILHERME RIBEIRO REIS ("FERREIRA") e SUELI YOLUKO HAKAYAMA, por ser os piores de orientação na mata. Era uma medida para evitar perdas.

Esgotado este prazo, foi realizada uma reunião onde foi visto o problema da iniciativa e a próxima tarefa.

Quanto a iniciativa, foi visto que ainda estávamos um pouco parados, principalmente em tirar alimentos da mata, como a quebra do coco, palmito e frutas bravas. E que isso era fruto da facilidade de boia que ainda estava existindo. Mesmo quanto a caça apesar de termos pago um boiadeiro, precisaríamos dominar mais. EU levantei o problema da auto-suficiência dos que saia conosco, que éramos ruins de mata; em não dar oportunidade de nós matarmos os caçus, o que diminuía o nosso incentivo em sairmos.

Depois ficou acertado como próxima tarefa um treinamento de simulação de rastros e embocada.

No outro dia, saiu OSWALDO ORLANDO DA COSTA com ALMURI DE AZEVEDO SIQUEIRA para ver um local que pudesse realizar o treinamento, porém ficando o resto no acompanhamento.

Visto o local, partimos para o treinamento propriamente dito. No outro dia, logo após o quebra, partimos em marcha, obedecendo a todas as suas normas de segurança até o local escolhido, perto do CASARIAL.

O primeiro treinamento era simulação de rastros. Todos participaram, praticamente deste treinamento. Em primeiro lugar ele mandou que andássemos em fila para ver como estávamos. ELE que ia ao nosso lado, ao mesmo tempo que ia nos observando, ia também corrigindo as falhas de cada um. Depois que ELE mandou que parássemos, fez observação sobre nossas falhas.

Foram as seguintes falhas observadas: 1) andar a vontade, como se estivéssemos paguando garotas na jardim, acarretando diversas outras falhas; 2) levar o rato no peito, amassando o mesmo; 3) pisar em lo-

quando a forma do pé; 5) pisar em lama, as vezes rodeada de pedras.

Realizamos este exercício, diversas vezes, cometendo as mesmas falhas. Dizendo OSWALDO ORIANO DA COSEA que passaríamos ali até um ano se fosse preciso, porém tínhamos que melhorar. Por fim, foi considerado que tínhamos melhorado bastante.

Terminada esta parte prática, ELE nos deu uma síntese teórica: 1) não andar a vontade; 2) evitar levar o mato no peito; 3) não pisar em local de areia; 4) não pisar em pau podre; 5) não pisar em lama, salvo em locais inevitáveis; 6) por fim, cuidado redobrado em passagens de estradas e grotas. Podemos comer mais de meio dia, carne assada com farinha.

À tarde voltamos ao local de treinamento, dizendo OSWALDO ORIANO DA COSEA que iríamos realizar a camuflagem dos rastros que nós tínhamos deixado. Ao mesmo tempo que íamos realizando a camuflagem, ELE ia fazendo suas observações. No final, ELE nos falou que camuflar rastros consistia, não apenas, em apagar a marca de um pé, esconder um pau podre picado ou arrancar pela raiz um mato amassado. Pois o principal é não deixar nada que chame a atenção. Do contrário, estaríamos deixando mais rastros. Tínhamos que deixar um ambiente, o mais natural possível. Nunca deveríamos utilizar os pés para apagar os rastros, utilizando para isto, pequenos pedras.

No dia seguinte, partimos em direção ao CASTANHAL, obedecendo a todas as normas de segurança do dia anterior. Ficamos em primeiro lugar, no cume de um morro alto, perto de um local aberto e plano que o pessoal de CASTANHAL, falou ser ali onde eles realizavam treinamentos militares.

Foi ordenado de imediato, a observação da casa, por CÍLIO GURMA ENEM ("CÍLIO"), CÍLIO ELVÍO SALAZAR DE OLIVEIRA ("ELVÍO") e IBRAHIM ZIO SOARES RAMALHA FILHO ("IBRAHIM"). Chegando os observadores com a notícia de que a barra estava limpa, ENEM começou a falar sobre a embocada. Em primeiro lugar ELE a definiu. Era uma ação militar em que a força atacante permanecia parada, a espera da força que seria atacada e que vinha deslocando-se.

ELE nos falou, que a falta de vigilância; o barulho, principalmente

to da emboscada.

Disse, que apesar de haver flexibilidade neste sentido, a emboscada compunha-se dos seguintes grupos: 1) grupo de observação, que observa a aproximação do inimigo; 2) grupo de sinalização, que avisa a aproximação do inimigo; 3) grupo de contenção, que contém o inimigo, no lado não previsto, para dar tempo a retirada do resto da tropa, não devendo o mesmo seguir o rumo da rota de retirada; 4) grupo de recolhimento de materiais e finalmente: 5) grupo de assalto, que participa diretamente da ação contra o inimigo, sendo este o principal, pois além de localizar-se nele o comando, é onde se concentra o maior número de combatentes e as melhores armas.

Disse ainda, que a ação tinha que ser realizada com o máximo de rapidez, retirando-se pela rota de retirada imediatamente após a sua realização.

Por fim, EIE nos falou que a emboscada obedecia a determinadas formas de organização. As principais e conhecidas, eram as seguintes: 1) em forma de C; 2) em forma de U; 3) em forma de I; 4) em forma de L. As duas primeiras ofereciam as vantagens de um cerco completo sobre o inimigo e as desvantagens do cruzamento de fogo em ação. Na forma de I a vantagem de evitar o cruzamento de fogo e a desvantagem de não conter o inimigo que tente escapar pelo lado oposto, além de não provocar cerco. Em fim, a última em forma de L sendo considerada como a principal por evitar cruzamento de fogo e ter possibilidade de conter o inimigo que tente escapar pelo lado oposto, e a desvantagem de não realizar um cerco total.

Todas elas dependem muito do terreno utilizado e o número de combatentes participantes.

Após esta explanação teórica, EIE nos apresentou o plano geral da nossa emboscada. Ela tomaria a forma de L e com a participação de 11 combatentes.

Esta ação será realizada contra 1 Sargento e 2 Cabos, todos do Exército. Sua finalidade era a liquidação do inimigo.

O local escolhido era uma subida de morro, que ficava na trilha

- 1) grupo de observação: SUNLI YOMITO KALIMANA.
- 2) grupo de sinalização: VALQUIRIA AFRONSO COSTA e JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ FOGOIO"), que também fazia parte do grupo de assalto.
- 3) grupo de contensão: EDALDO SOARES ARAÚJO FILHO ("APARICIO"), que ficaria do lado oposto, segurando a perna menor do L, que ficaria no topo do morro, sendo este papel imaginário, pois ELE iria fazer o papel de inimigo.
- 4) grupo de assalto:

 Ao lado direito do comando: JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ FOGOIO"), MARCEL JOSÉ NURSIS ("GIL") e CYLON CUNHA BRUM ("SILVIO").

 Ao centro: o comandante - OSWALDO ORLANDO DA COSTA.

 Ao lado esquerdo do comando: CIRO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA, EU e ANTONIO GUILLERME BIBIARO FILHO ("FERREIRA").

 Área de fogo total: 15m distribuída em três. Os traços acima indicam que participa de cada área.

 Disse finalmente o seguinte: que agora era partir para o local propriamente dito, pois só com a prática é que assimilaremos mais concretamente.

 Chegando ao local, foi colocado todos os combatentes nos seus devidos lugares, depois foi dado um prazo de 5 minutos, para a camuflagem, com a advertência de que a mesma não prejudicasse a visibilidade e o manejo das armas. Esgotado o prazo, o próprio OSWALDO ORLANDO DA COSTA fez observação local por local.

 ELE olhava em primeiro lugar se encherava o sujeito. Depois ELE fazia observações sobre a camuflagem, perguntando ao mesmo tempo se o combatente vinha encherando-lhe bem, na sua área de fogo. ELE levantou as seguintes falhas: camuflagem que chamava a atenção, causando logo a suspeita no inimigo, pois ela não tinha só a finalidade de encobrir o sujeito, neste caso; partes do corpo descobertas, dizendo ELE que a vestimenta influi bastante, devendo ser escura e cobrir o máximo do corpo. Citou os casos, de VALQUIRIA AFRONSO COSTA, que só chamou-lhe a atenção pela cor vermelha da blusa e o seu caso que chamou a atenção devido a alvura do braço, e que seria corrigi-

das.

Foram os seguintes, os problemas levantados: falta de comodidade, tendo caso em que o combatente não podia nem atirar com o braço completamente dormente, impossibilidade de manejo da arma, principalmente porque prejudicava a camuflagem e por fim ANTONIO GUILLERME FERREIRO RIBAS ("FERREIRA") levantou o problema das formigas de fogo, que lhe estavam perturbando.

Depois, OSWALDO ORLANDO DA COSTA falou sobre cada um desses problemas levantados. Quanto a falta de comodidade, além de exigir do combatente um esforço desnecessário, poderia impossibilitar que muitas das vezes, o uso da arma, podendo prejudicar a ação. Quanto a impossibilidade de uso da arma, BIE falou que o combatente ainda pode encontrar justificativa para a comissão de outros detalhes, porém nunca pela não utilização de sua arma durante a ação. Quanto as formigas, BIE disse que era realmente incômodo, mas que nesse caso o combatente tem que ter muita firmeza para não prejudicar a ação.

Corrigidas todas estas falhas, partiu-se para o sistema de sinalização que seria utilizado. Chegou-se a seguinte conclusão: avisada a aproximação do inimigo pelo observador, VAQUERIA AFRONSO COSTA daria um sinal com folha de pindoba para o JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ FOLC-IÓ") e este avisaria para o OSWALDO ORLANDO DA COSTA, batendo um pequeno pé. Este ficaria à espera da hora oportuna, quando BIE gritaria fogo, tendo que todo mundo atirar imediatamente e ao mesmo tempo.

A rota de retirada não tinha sido planejada, mas tínhamos vistas que sairia em primeiro lugar o comandante, saindo depois o grupo de assalto do lado direito, e do lado esquerdo, o grupo de sinalização, contenção e observação.

Irámos partir para a ação propriamente dita. AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA depois de ouvir observações de OSWALDO ORLANDO DA COSTA, partiu para a sua tarefa de inimigo e nós ficamos a sua espera. Foi de mais hora, o tempo entre a saída de AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA e o grito de fogo de OSWALDO ORLANDO DA COSTA, coincidindo também a localização do AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA bem em minha frente.

Quando gritado "FUGA" todos gritaram também e nos retiramos até uns 15m, seguindo aquela ordem dada em linha atrás. Foi logo todo mundo ficando a vontade, inclusive OSWALDO ORLANDO DA COSTA.

Depois OSWALDO ORLANDO DA COSTA falou que iríamos voltar para o acampamento, na seguinte ordem de marcha: o guia: CYLON CUNHA BRUN ("SILVIO"), 20m em frente do resto, que por sua vez obedeceria um distanciamento de 5m. 1ª homem: ALMURI DE AZEVEDO SIQUEIRA; 2ª) VALBÉRIA AFRONSO COSTA; 3ª) ANTONIO GUILHERME RIBEIRO RIBAS ("FERREIRA"); 4ª) IDALISIO SOARES ARANHA FILHO ("PARICIO"); 5ª) OSWALDO ORLANDO DA COSTA, o comandante; 6ª) MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL"); 7ª) SUELI YOMIHO KAMAYAMA; 8ª) JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("SÉ TOGGIÓ"); 9ª) EU; 10ª) CIRO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA como cerra fila.

A noite, foi feita após a junta, um ligeiro balanço sobre a emboscada, ficando as posições fechadas, concluindo-se que além das falhas já analisadas, a principal falha na ação foi a não existência de todos os tiros dados ao mesmo tempo. Alguns se atrasaram.

No dia seguinte o OSWALDO ORLANDO DA COSTA nos falou que teríamos 2 dias só para armarmos nossas coisas e já ir camuflando as partes que já se pode deixar de usar. Diminuindo assim o trabalho e aumentando a eficiência do trabalho final de camuflagem do acampamento. Íamos acampar para o lado do CAJUEIRO. Foi realizado durante estes dias também a camuflagem de um saco de milho, meio saco de algodão e uma quarta de farinha, que tinha sido comprada a MANÉ FRILIX.

Realizamos a camuflagem do acampamento com espíritos de artistas e orientado por OSWALDO ORLANDO DA COSTA. ELE nos falou que até muitos de nós éramos capazes de voltando dias depois, não reconhecer.

Foi a seguinte, a ordem de marcha estabelecida: Guia: ALMURI DE AZEVEDO SIQUEIRA; 1ª homem: CYLON CUNHA BRUN ("SILVIO"); 2ª: EU; 3ª: MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL"); 4ª: IDALISIO SOARES ARANHA FILHO ("PARICIO"); 5ª: OSWALDO ORLANDO DA COSTA; 6ª: CIRO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA; 7ª: VALBÉRIA AFRONSO COSTA; 8ª: ANTONIO GUILHERME RIBEIRO RIBAS ("FERREIRA"); 9ª H: JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("SÉ TOGGIÓ"); 10ª H: SUELI YOMIHO KAMAYAMA, cerra fila.



As normas de segurança foram as mesmas aplicadas anteriormente. Foram distribuídos saquinhos de farinha com meia rapadura e pedaços de carne assada para cada um. Estávamos levando também: uma lata de açúcar, uma de feijão, 20 pacotes de café, 10 latas de leite ninho e 10 de condensado. Para abastecimento no acampamento que faremos agora.

Partimos precisamente às 9,00h, com o máximo de cuidado para não deixar rastros perto do acampamento. Para Sudeste. Paramos meia hora para comermos numa grotta do AMIAI, não confundir com outra que eu falei atrás.

Demos no CAJUEIRO num local onde só existia ananás de raposa, dizendo o OSWALDO ORLANDO DA COSTA que tínhamos pego mais em baixo, ELE se afastou um pouco e depois de subir e descer um pouco morros, chegamos no local escolhido. Já era umas 4h só fizemos juntar e cobrir o material de abastecimento para evitar chuva. No outro dia teríamos uma reunião.

No dia seguinte, iniciamos a reunião logo após o quebra.

Inicialmente OSWALDO ORLANDO COSTA fez uma observação rápida sobre a marcha, dizendo que ficava contente em ver que os companheiros estavam se desenvolvendo. Mas que o principal a ser discutido nesta reunião, era a organização do acampamento, que ainda inexistia e seu cumprimento por cada um durante todo período em que permaneceremos acampados ali.

A primeira coisa que iríamos fazer era uma barraca para o abastecimento. O local OSWALDO ORLANDO COSTA já sabia, sendo assim não nos tempo a perder.

A cozinha tem que ser também ajustada para dar melhores condições ao cozinhar.

Iríamos fazer uma privada que durasse mais tempo, o que nos acomodasse melhor. O buraco utilizado é só enquanto não realizarmos estas tarefas acima. Ninguém também iria ter pretexto para justificar cascas de frutas, papel, restos de comida, etc, porque será feito um grande buraco de lixo.

Enfim, em todo período que ficássemos acampados, nunca deveríamos perder o espírito militar, sempre vigilante, pronto para

Terminamos cedo a reunião.

Como ainda ia custar um pouco a boia, OSWALDO ORLANDO COSTA fez a mudança de todos para seus locais definitivos. E trouzamos também umas pedras boas para a cozinha e deixamos a cobertura eficiente.

Depois de boiarmos, iniciamos logo o trabalho da barraca de abastecimento. OSWALDO ORLANDO COSTA falou que a palha que iríamos utilizar estava a uns 15 minutos dali. E começamos com o carregamento de palha, onde nem todos carregaram palha, devido estar fazendo segurança de carregador, do matagal ou de acampamento. Depois do carregamento foi revistado, se não tinha ficado trilha ou marcas que chamassem atenção e cancelou-se todas que encontramos sob orientação de OSWALDO ORLANDO COSTA.

Partimos depois para o girau. E depois de terminarmos a cobertura que era o final, estávamos com a barraca pronta às 3,30h.

Já visto o local de cada alimento no girau, foi só transportá-lo.

Hoje não faríamos mais nada.

OSWALDO ORLANDO COSTA falou que não tinha necessidade de todos ficarem no acampamento hoje, poderia sair para caçar, AMAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA e MARCEL JOSÉ NUNES ("GIL"). Iríamos fazer primeiro a privada, depois o buraco de lixo e só. Acabamos o trabalho cedo, apesar de ter feito um serviço bem feito, ficamos aguardando o alnoço. Já perto da boia, ouvimos um tiro. Um pouco perto do acampamento, que causou discussão imediata, se seriam os caçadores tendo OSWALDO ORLANDO COSTA avisado não atirar perto do acampamento. Levantou-se também que tanto poderia ter sido um liberalismo ou que este tiro não tenha sido tão perto, mas que devido ao relevo e ao vento tivéssemos ouvido. OSWALDO ORLANDO COSTA falou que não admitava suposição, estávamos com sentinela, qualquer aproximação do inimigo, era estarmos prontos para sair fora. Enquanto isto aguardávamos os caçadores. Como já eram 12 horas e nada de caçada rec', boiarmos. Guardaríamos a deles. A comida era feijão, farinha e carne de jaboti.



- Continua -



Quando estávamos terminando de comer, para surpresa de todos, vieram entrar no acompanhamento MANOEL DA SILVA SIQUEIRA com dois frascos de botas (uma jabota) e MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL") com um enorme porco, o que causou alegria geral. OSVALDO ORLANDO COSTA falou que iríamos passar a noite comendo carne assada. Eu comecei a fazer a carne e fui logo tirar o couro do porco e falei que quem quizesse me ajudar era bom. O próprio MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL") foi quem fez questão de me ajudar. Tirei o couro com MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL"). Quando foi para tratar da carne o OSVALDO ORLANDO COSTA tomou a frente. Tentamos os três o porco, para trabalhar melhor a carne e não sugar-lhe. Tanto eu como OSVALDO ORLANDO COSTA falamos para MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL") ir repousar, pois já tinha mostrado possuir espírito de sacrifício. O trabalho agora como ELE próprio conhecia não cabia mais de dois. Continuamos nosso trabalho e MANOEL JOSÉ MURCHIS ("GIL") foi repousar.

OSVALDO ORLANDO COSTA falou para o resto do pessoal procurar pau de fogo, para poder ter um bom braseiro para assar o porco à noite. Ao 09,00h eu já estava com o braseiro no jeito e a carne do porco. Depois foi se eu baixar o aquecedor e por aí por aí. Agora iria ficar pastorando-a para não queimar, tendo que virar de vez em quando, cada um dos pedaços, segundo por igual.

O pessoal já está babando na volta do braseiro.

Quando começou realmente a assar, eu fui logo tirando um pedaço para todo mundo provar. Depois que distribuí, a alegria alastrou entre todos. Porém aumentou a fome em vez logo toda pronta, eu mal - ter. O concreto foi que houve mais conversas e alegria. Começou as piadas, que com as risadas fez se levantar os que dormiam.

A uma hora da madrugada a carne estava no jeito que eu queria, sendo logo feito de imediato a sua distribuição. A alegria chegou no seu ponto culminante. Iniciamos o basquete. Era carne para comer a noite toda. Quem não aguentasse deixasse para o outro dia. Todo mundo achou a carne uma delícia.

um para uma tarefa.

Fazendo realmente três dias, OSWALDO ORLANDO COSTA falou que iria pegar uma quarta de farinha, que tinha encomendado a JUAZEM, no COURO DANÇAS. E aproveitaria e faria um trabalho de massa. Levou o CYLON CUNHA BRUM ("SELIÃO").

No dia seguinte a tarde estavam os dois de volta com a farinha, 20 litros de feijão, 10 litros de fava e um pouco de pepino. Dizeram que eles trouxeram também novidades.

A noite foi reunido todo o Destacamento, para OSWALDO ORLANDO COSTA falar sobre a novidade e em que implicaria.

OSWALDO ORLANDO COSTA falou que a novidade tinha sido um encontro casual entre LEE e CYLON CUNHA BRUM ("SELIÃO") com quatro elementos do Exército a paisana. Tanto LEE morto um e ferido outro. E que a reação de todos tinha sido de apavoramento. Disse ainda que isto significaria tropa dentro de poucos dias na região, o que implicaria numa maior vigilância de nossa parte. A esca tinha que ser vista diferente, só atirando de vinte em bicho grande, de caçitua para cima, e só dando um tiro por dia. E ficaria como tarefa de todos, durante estes dias da vigilância redobrada, participando de um redício permanente de sentinelas (2).

Começou a aparecer helicópteros e avião, sinal que iria haver patrulhamento na região.

Depois de vários dias, OSWALDO ORLANDO COSTA falou que tinhamos necessidade de tomar pé da situação, porém ali parados não obteriamos nunca uma informação real, ficariamos sempre em más suposições e hipóteses. Faria que sair observadores, para o CANTALHA e para o COURO DANÇAS. Poderia sair para o GALILEIA A RUMI DO ASSUNTO SI - QUEIRA e CIRO PRAVIO SAJANAR DE OLIVEIRA e para o COURO DANÇAS, CYLON CUNHA BRUM e IDEALIZIO SOARES ARNICA FILHO. Partiriam depois de quebra, levando cada um dois litros de farinha e uma lata de lei-

No outro dia partiram ansiosos os observadores. Eram para voltar de tres a quatro dias, porém se passasse dos cinco dias a barra tinha pesado. O que provocaria mudança imediata do acampamento. AMAURI DE ASSIS SIQUEIRA iria pegar também a quarta de farinha.

Com tres dias chegaram o pessoal, 18 os de CONRO DAMAS e um pouquinho depois os da GAMBELIRA. A noite fizeram o informe para o resto. Trouxeram o leite.

O Informe foi apresentado primeiro por CYLON CUNHA BRUM ("SILÃO") sobre o CONRO DAMAS, depois por AMAURI DE ASSIS SIQUEIRA sobre o GAMBELIRA.

Sobre o CONRO DAMAS, CYLON CUNHA BRUM ("SILÃO") falou que encontrou ocupado, que a roça do Chico Preto tinha se transformado em base de helicópteros.

ELE quando ia se aproximando da casa de JUANES foi surpreendido por uma rajada de metralhadora, o que fez ele dar no pé, pois tinha sido em sua direção.

A única casa que não tinha soldado era a de JOAQUIM, talvez por ser mais di tante. ELE falou que tinha evitado sair, por isso não tinha informação, mais dava para ver de sua casa, que o movimento de helicópteros era grande e que ouvia rajada de vez em quando.

Disse CYLON CUNHA BRUM ("SILÃO") que ELE recebeu tão bem que passou o medo dele ser um espião do Exército. Comeu feijão com arroz, carne de porco e banana, que se fartou.

Sobre o GAMBELIRA, AMAURI DE ASSIS SIQUEIRA falou que encontrou as duas casas queimadas, mas sem marcas novas, que indicava ter sido trabalho de indígena. Os materiais guardados estavam intactos. Pegaramos a farinha depois.

Fomos então a casa de GERÔNIMO, onde obtivamos informações de que as nossas casas tinham sido queimadas a um mês ou mais. E que tinham ido para o CA TASSAI com a intenção de fazer o mesmo com as de lá. ELE falou também que tinha passado em seu LUTRÃO dita a três. com um morto e outro queimado noite passada. Foi explicado o que

é observando o ambiente primeiro com os helicópteros. Nos deu bico e café. Nos deu 2 cigarros feitos, dizendo não arranjar mais por que só estava com aquela ponta para ele e a mulher. Nós falamos que não tinha importância, nós compramos no BERNARDO.

Passamos rapidamente no BERNARDO, onde obtivemos 2L de farinha e 1m de fumo. A farinha foi de graça e o fumo ele fez desconto de 50%. Encomendamos 2 quartos de farinha.

Como nenhum dos dois tinha tido notícias estes dois últimos dias era bom a gente tentar se informar pelo menos em seu HERMOJE que ficava a beira da estrada.

Quando estávamos observando a casa ouvimos um zuz-zuz-zuz para o lado do sítio, o que nos chamou a atenção e aos poucos fomos percebendo que era um acompanhamento de inimigo. Demos no pé e fomos observar de cima de um morro. Passado alguns minutos, o que deveria ser o café, foram para casa do seu HERMOJE, onde as risadas ainda toda hora de lá. Saíram no rumo do CASIMIRO. O RAFAEL SOARES ARANDA FILHO ("PARTEIC") contou 25 soldados, dizendo que o último quando passou já tinha considerado encerrado. Vinha conversando muito alto com o irmão de seu HERMOJE. Não obedeciam ao distanciamento de um para o outro. Na passagem da porteira ficou aquele bolo, depois enquanto uns iam já bem na frente, outros estavam bem atrás. Era uma tropa boa para fuzilamento. GONCALO GONCALO COSTA falou que não se incomodasse que a noite vai chegar. Bisse BEE, que o único tiro de caça que seria permitida seria a de jaboti, se fosse perto do acompanhamento. A barra iria passar se ficasse assim por muito tempo. Por isto, estava com a intenção de realizar uma idéia, que ele vinha tendo, desde o CASIMIRO. Formar uma expedição de caça, para fazer carne no fazid.

Iriam para esta expedição 3 pessoas, podendo ser MAURI DE ALMEIDA SIQUEIRA, como responsável, RAFAEL SOARES ARANDA FILHO ("PARTEIC") e MARCEL JOSÉ MURCHIS ("CHE"). Passariam uma semana no mínimo, mas para trazer carne muita. Saíram depois de um bom tempo.

Com dois dias, partiu os soldados com apenas 2 L de farinha.

Continuamos com a vida normal de vigilância, no acampamento, a espera da carne. Depois de 10 dias, chegaram os caçadores com os restos cheios e as mochilas super carregadas. Chegaram cansados. Traziam carne moqueada de 5 mateiros, 1 tuboca, 2 caimitus grandes, 7 pacas (1 Boncha, que MANOEL JOSÉ MICHES ("MII") matou) e 2 guaribas. Quase não comeram direito a comida, pois pagaram jabotas o-vadas e 8 jabotis. Começaram para valer.

OSVALDO ORLANDO COSTA elogiou os caçadores, dizendo que eles tinham cumprido perfeitamente a tarefa. Eu esperava um pouco menos, o que mostra que eu não conhecia realmente a capacidade dos três, disse ele. Comproveu também a eficiência da expedição. Além de diminuir 3 bocas durante 10 dias, temos carne que com a ajuda do jabotipo de durar um mês. É um meio que utilizaremos daqui para a frente para solucionar problemas de abastecimentos.

Continuamos no mesmo sistema simples de vida.

Depois de 10 dias após a chegada dos caçadores de Aximá, foi liberado a caça de 20 em torno do acampamento, não porque a carne moqueada tivesse acabado, porém porque OSVALDO ORLANDO COSTA achava que a barra estava limpa.

Passamos a comer bastante caça. OSVALDO ORLANDO COSTA estava o terror das caças. Estava caçando tanto de espera, como no coice, e goteiro.

Começamos também a economizar açúcar, tirando mel de abelha. Só de um pau que serrubamos, retiramos 23 litros de mel cozido, de 4 casas de abelha Europa. Nesta semana retiramos mais 15 litros de outros 3 pús, dando um total de 40 litros. Todos lamentaram não ter castanha para fazer doce a vontade.

Passamos a comer mel com farinha como sobremesa. Comemos também mel com açúcar cozido com mel, é gostosíssimo. Era fartura.

A farinha estava racionada em meio litro por dia e estava no fim, tínhamos que pegar as duas quartas enceneladas. Logo, deveria ir para esta tarefa, MAURI DE ABEVERDO SIQUEIRA, que tinha encomendado, CIRD MÁRIO SARAIVA DE OLIVEIRA e JOÃO HILBERTO BRONCA ("ZÉ BOCCIO"). Poderia aproveitar e fazer trabalho de rasca se a

(Continuação do Int. nº 257/72, de 13 Jun 72, do WO/1 Br - Hls 22)

Partiriam de manhã após o quebra, e dentro de 3 dias era para estarem de volta. Levariam carne maguada. Esta foi a intervenção de OSWALDO ORLANDO COSTA num balanço de como iam as coisas no acampamento.

No outro dia partiram o pessoal no rumo do CAMALEIRAS.

Voltaram com tres dias dizendo ter o Exército retirado todo mato da área e que a farinha tinha sido encontrada num girau suspenso, na casa do forno. Não tínhamos ido para o lado da boira, devido a barra poder estar pesada e prejudicar a tarefa principal.

OSWALDO ORLANDO COSTA falou que tínhamos agido correto, o mais importante para nós era realmente a farinha. Disse ainda que iríamos economizá-la com o uso da maior quantidade de palhito. Deveríamos de agora por diante, tirar no mínimo tres palhitos por dia. Devemos ser sempre mais do que este mínimo exigido, dependeria da compreensão e do esforço de cada um.

Passamos a tirar uma média de cinco palhito grande por dia. A bola estava satisfazendo plenamente.

OSWALDO ORLANDO COSTA, começou a incentivar os treinos individuais. Como o deitar-se com rapides, rastejamento, tipo simulado e correr no mato.

Depois de um certo tempo em que já estávamos vivendo só de alimentos da mata, OSWALDO ORLANDO COSTA, falou que já era tempo de mudarmos de acampamento. Desta vez, iríamos para o GALPA. Era uma área pouco conhecida, mas que parecia oferecer certas facilidades. Partiríamos pela manhã, depois de camuflar o acampamento.

No outro dia, após camuflarmos e revistado o acampamento, nos retiramos num rumo diferente do que iríamos tomar, que era o rumo Oeste. Logo depois tomamos o rumo certo. Levávamos os seguintes alimentos que restaram: 5 pacotes de café, 5 latas de leite ninho e uma boa quantidade de carne maguada. O leite condensado tínhamos tomado com café todas as 10 latas, as 3 últimas passamos hoje, no que-

(Continuação do Int. nº 20/73, de 13 Jun 73, do DOI/E IX - Pág. 23)

24H: IDALÍCIO SOARES ARANHA FERREIRA ("APARICICÓ"); 54H: OSWALDO ORLANDO COSTA; 64H: CÍLIO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA; 74H: VALQUÍRIA ALFONSO DE OLIVEIRA; 84H: ANTONIO GUILHERME RIBEIRO REIS ("PERREIRA"); 94H: JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ RUCIÓ"); e 104H: SUELI YOLIFE KUBAYAMA.

OSWALDO ORLANDO COSTA falou que as normas de segurança deveriam ser seguidas rigorosamente. Com três horas de caminhada, topamos com a estrada GABRIELA - CASTANHAL. Foi feita a segurança por CÍLIO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA e IDALÍCIO SOARES ARANHA FERREIRA ("APARICICÓ"). Deviam evitar deixar rastros.

Mais uma hora de caminhada e topamos com uma aguada, onde paramos para boiarmos, creme ruçonda com leite ninho. Uma gostosura. Esta aguada já era de GARÇA. Só andamos mais uma hora para chegarmos ao acampamento. Era uma região de cocal.

No outro dia ajeitamos todo o acampamento: cozinha, privada, barracão de lino, local de banho e já vimos o local de sentinela. OSWALDO ORLANDO COSTA falou que a nossa vida ali ia ser a mais simples de que todas as outras que tínhamos vivido até agora. Vivíamos quase exclusivamente no acampamento.

Eu tinha amarelado com maleta. Só aguentava tomar leite ninho e café. Passado uns 3 ou 4 dias da nossa chegada, OSWALDO ORLANDO COSTA falou que tínhamos que pegar o material deixado na capoeira de GABRIELA, como também o do acampamento de CASTANHAL. Porém iríamos pegar primeiro o de GABRIELA. O que tiramos para trazer era 1 sacco de feijão, 1 sacco de milho, 1 lata de arroz pilado e 20kg de sal. Esuficiria no mínimo 6 pessoas.

Cumpriram esta tarefa dentro de 2 dias, ALAURI DE AZEVEDO SIQUEIRA, CÍLIO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA ("SILVÃO"), JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ RUCIÓ"), ANTONIO GUILHERME RIBEIRO REIS ("PERREIRA"), CÍLIO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA e MARCEL JOSÉ MACHADO ("GIL"). Quando chegaram já encontraram o girca pronto. Depois de 3 dias partiram para pegar os materiais no CASTANHAL, CÍLIO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA ("SILVÃO"), JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ RUCIÓ"), ANTONIO GUILHERME RIBEIRO REIS ("PERREIRA") e...

Estávamos com muita boa, principalmente levando em consideração o local que era bom de caça e tinha bastante côco de qualida de excelente. Fazíamos a utilizar mais os alimentos da mata, economizando o feijão, o milho e a farinha.

Estávamos quebrando côco, caçando e tirando palmito todos os dias, com bons resultados. Além de tirarmos mel, de vez em quando. Era esta a nossa vida.

OSWALDO ORLANDO COSTA saiu para um trabalho de massa no JACARÉ GRANDE com CYLON CUNHA BRUM ("SEBEO"), CIRIO ELÍVIO SALGAR DE OLIVEIRA e IDALZIO SOARES ARAÚJO FERRO ("PAPARICION"). Tendo este último se perdido e sido morto pelo inimigo. Foi bastante lamentada a sua perda e ressaltado o seu espírito de resistência.

Depois de algum tempo, foi realizada uma reunião em que OSWALDO ORLANDO COSTA elogiou em primeiro lugar a nossa iniciativa de sobrevivência, pois estávamos cumprindo perfeitamente a 2ª fase da guerrilha. Disse que estava na ordem do dia, uma reorganização do nosso destacamento. Com a inclusão de elementos de COURO BARTAS e da SERA e BERNAL DO CARDINAL. Formando 3 ou 4 grupos com chefes e substitutos eventuais, que não estava existindo. Seria escolhido um vice-comandante, que teria também a função de comissário político. Esta reorganização seria feita com a presença e a orientação de um membro da Comissão Militar.

OSWALDO ORLANDO COSTA falou que teria que sair e já voltaria com o membro da Comissão Militar. Ele iria ficar conosco um certo tempo e não só para a reorganização do destacamento, para o SARABIAL e CARILHO DE BERNICHI, onde realizávamos um trabalho de massa, apresentando o HONITO.

Não sabia o dia certo para voltar.

Disse que MAURI DE ALVARO SIQUEIRA, CYLON CUNHA BRUM, JOSÉ HUBERTO BRONCA ("ZÉ FOGOIO") e ANTONIO GUILLERME FERREIRO RIBAS ("FERREIRA") deveriam pegar banana, mamão e limão, pois a turma estava necessitando de frutas. Um dia após a saída de OSWALDO ORLANDO COSTA, partiu o pessoal das frutas, só voltando 4 dias depois, com bastante banana e limão, além de 10 mamões de vez.

Falaram que o AMARI DE AZEVEDO SIQUEIRA teve um choque com o inimigo, ficando só na troca de tiros. Quando AMARI DE AZEVEDO SIQUEIRA caiu na capoeira imediatamente, não tendo sido acompanhado pelo inimigo. Isso se deu quando AMARI DE AZEVEDO SIQUEIRA já vinha saindo de uma pequena plantação de caná, onde tinha ido pegar alguns pés. O que mostra que ele estava andando muito a vontade, tendo sido um liberalismo, que poderia ter causado maior prejuízo. Esta era a opinião de todos com uma certa resistência da parte de AMARI DE AZEVEDO SIQUEIRA. OTION CUNHA BRUM tinha conversado antes com um cara de massa.

Fegamos pelo rádio que o Exército realizaria manobra, na região de Araguaia. Realmente dias depois começou a sobrevoar aviões e helicópteros. Já estávamos ansiosos para ver a chegada de OSWALDO ORLANDO COSTA. Foi nestes dias que eu me perdi, quando perseguindo um jacú verdadeiro, afastei-me do acampamento e desorientei-me, tomando um rumo que não era o do acampamento. Contrariei as ordens de não me afastar sozinho do acampamento.

Passei mais de mês sem ver ninguém, só reconhecendo onde estava, quando toquei com o péto da companhia de madeira. Vinha descendo o GAMBIRÁ sem saber que era ele.

O que me salvou neste período foi eu estar com uma caixa de cartuchos e 6 balotes, além de ter encontrado muito jaboti. Não passei fome salvo os dias sem fogo. Fiquei no côco e palmito.

O primeiro cara de massa que encontrei foi JOSÉ HILBERTO MACHUCA ("ZÉ PEGOLÉ"), que estava morando perto das duas passagens. Me recebeu muito bem dizendo já ter conhecido muito com OSWALDO ORLANDO COSTA. Deu-me comida, melancia e café, e disse que eu devia parar um pouco, pois estava estropiado. Ele me alimentou vários dias e me deu repêdio para malária. Ainda me arranjou farinha e carne quando eu saí.

Depois eu me escorei um pouco em JERÔNIMO e BERNARDINO. Além de esgar mutun com um resto de munição que tinha sobrado. Passei a matar tatu de 33.

Foi quando peguei uma malária forte, que eu tomei o rumo da beira, indo bater em Santa Cruz, onde permaneci, sendo ajudado

Eu suponho que esses três membros devem estar fazendo um levantamento de uma possível área por aqueles lados. Por sua vez BOIÃO não está longe do ARAGUAIA, mas está para os lados do ARAGUAIA. A tese de JOÃO AMAZONAS é a seguinte: que a GUERRA POPULAR no BRASIL só pode se desenvolver a partir da AMAZÔNIA, AMAZÔNIA em geral, não é do ARAGUAIA específico. Então porque mandar esses elementos para lá, eu suponho que eles devem estar com essa tarefa da COMISSÃO MILITAR. A tendência também deles, na base do que aconteceu no ARAGUAIA, é marcharem para organizar não uma única área, mas 2 ou 3 com vista, como eles dizem para dispersar as forças do governo. Como se 2 ou 3 áreas pudessem dispensar qualquer coisa. Enfim, eu sinto que este método caminha para muitas aventuras, neste terreno.

Sobre a parte atual que você tem visto notícias nos jornais?

É, sobre essa parte atual, que são notícias nos jornais e sobre o que foi lido de métodos, etc, que estão utilizando, a impressão que eu tive é a seguinte: é a de que verbalmente JOÃO AMAZONAS informou sobre os métodos, etc que eles estavam usando naquela fase de preparação do ARAGUAIA, são mais ou menos parecidos. É o problema com o padre, é o problema do acusado, é o problema do remédio, é o problema do multi-rão, é o trabalho em conjunto, a produção em conjunto, é o problema da ligação, digamos assim, de caráter humano ainda não político, como preendo? Está tudo aí. Então eu disse quando apresentaram-me isso, o seguinte: eu tenho dúvidas de que sejam eles porque inclusive o próprio AMAZONAS dizia o seguinte: dificilmente agora se pode fazer no mesmo lugar, porque nesse lugar está se passando uma vigilância muito grande. Em todo o caso eu não posso afirmar nada. Os métodos são aqueles que o PC do B usa e usou no ARAGUAIA, na parte preliminar de preparação antes do início do que eles chamam de LUTA ARMADA propriamente dita. LUTA ARMADA que não houve, porque a verdade é a seguinte: pelo relatório do ARICIO o que houve lá, foi uma caçada, não LUTA ARMADA. A maioria do pessoal que morreu lá, segundo o relatório de ARICIO, que ele diz isso lá, morreu pela boca, não tinham o que comer, então uns iam buscar o alimento, e lá a tropa, e como consequência disso, eram atacados e mortos. Outros, contam o caso, tiraram um porco de um chiqueiro, mataram o porco, esquartejaram o porco, vinham botando o porco nas costas, foram atacados e morreram ali. Só ali, morreram quatro. E assim sucessivamente. O único feito que ele aponta lá, da luta desse grupamento foi o cerco em MAGUARI, não sei se é no Estado do Amazonas. Em MAGUARI, onde tinham 5 ou 6 soldados da polícia, e lá conseguiram dominar aquilo e levaram sete fuzis. Esse é o único feito que eles apontam lá. O resto morreu assim, o resto morreu andando na mata, de repente se trombavam com as forças do governo e num e pronto caíam. Assim que eles cometeram uma aventura, na minha opinião, uma aventura total, uma falsa avaliação da situação política do país, faltou toda essa coisa.

Continuação do Interrogatório nº 22121/76, de 08/DEZ./76 Pol. nº 20

mais sei que foi examinado o desenvolvimento da situação política internacional; a situação política nacional; a atividade do Partido no Brasil; e que foi aprovada uma "resolução" sintetizando o resultado do debate feito em torno a esses assuntos.

Estou certo que o Comitê Central do P.C do Brasil tenha realizado reunião em 1972. Este foi o ano no qual o "mistério" do Araguaia deixou de ser "mistério", e no qual o Partido Comunista do Brasil, em vários Estados, sofreu a ação repressiva dos Órgãos de Segurança. Em todo caso, se reunião houve teria de ser antes do fim do ano, quando verificaram-se as "quedas" de LINCOLN CORDEIRO OEST ("OSWALDO", "LAURO", "GABRIEL", "CARLOS") e LUIZ GILARDINI ("GUSTAVO", "ALCIDES", "CLAUDIO", "IACORTE", "GIL"), na GUANABARA, e a de CARLOS NICOLAU DABELLI ("PONTES") em SÃO PAULO. Desde dezembro, de 1972, a dezembro, de 1973, fiquei descontatado do "Comitê Central" e de sua "Comissão Executiva". Somente em dezembro, de 1973, o contato foi estabelecido. Foi assim: JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") mandou residir e trabalhar, na GUANABARA, uma pessoa (nunca vi essa pessoa), amigo do DELZIR ANTONIO MATHIAS ("JOEL", "CARLOS", "SÉRGIO", "AMADEU", "PROFESSOR", "BIGODE"), visando com este contatar. Parece que essa pessoa veio para a GUANABARA em OUT ou NOV de 1973. Parece que esse "amigo do DELZIR ANTONIO MATHIAS ("JOEL", "CARLOS", "SÉRGIO", "AMADEU", "PROFESSOR", "BIGODE") conhecia certas relações ou parentes deste na GUANABARA, o certo é que acabou por encontrar DELZIR ANTONIO MATHIAS ("JOEL", "CARLOS", "AMADEU", "SÉRGIO", "BIGODE", "PROFESSOR"). Já com este "ligado", essa pessoa foi a SÃO PAULO comunicar. Na volta trouxe uma carta do JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES"), marcando "ponto" comigo em SÃO PAULO para o mês de Janeiro⁷⁴ (não recordo o dia). Lá chegando, encontrei (no "aparelho" para o qual fui levado por ELZA DE LIMA MONERAT ("MARCIA", "MARIA", "ANA")), JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES"), PEDRO VENTURA FELIPE DE ARAÚJO POMAR ("MÁRIO") e, para minha surpresa (porque ele estava desaparecido há alguns anos), ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR"). Nessa reunião tive conhecimento (JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") informou) de que a Ação Popular havia decidido ingressar no Partido Comunista do Brasil, e que JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") já havia reunido duas vezes (no curso de 1973) com HAROLDO RODRIGUES DE LIMA ("JOSÉ ANTONIO") ALDO DA SILVA ARANTES ("DIAS"), tendo "ótima impressão dos dois". JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") sugeriu que os dois fossem, pelo "Comitê Central", cooptados para a "Comissão Executiva" e, que antes dessa cooptação formal pelo "Comitê Central", os dois começaram, desde logo, a atuar como membros da

atuar como membros da "Comissão Executiva". Nessa reunião, ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR") informou sobre os acontecimentos no "Araguaia". Em resumo, disse o seguinte: que o período de instalação do grupo (guerrilheiros) havia começado há alguns anos (desde 1967); que esse grupamento havia conquistado a simpatia de 90% da população local; que essa simpatia havia obtida por meio de relações humanas como, por exemplo: mutirão no trabalho e construção de casas; tratamento de saúde dos "moradores", fazendo pequenas operações e fornecendo remédios gratuitamente; participando de festas da gente local; tornando-se compadres, por meio do batismo de crianças e apadrinhando casamentos dos camponeses; vendendo produtos à baixo preço, etc. que já haviam instalado na mata diversos depósitos de mantimentos; que as 60^{ou 70} pessoas que integravam esse grupamento, eram conhecedoras da área e haviam tido boa preparação militar; que o pessoal tinha moral elevada e estava disposto a levar até o fim a luta pela causa que defendiam, etc, etc. Informou que o grupamento estava dividido em três sub-áreas dentro da área de 150 quilômetros de largura pelo infinito da mata na retaguarda; que esse três grupos, ou sub-áreas eram: a da "BEIRA", a de "XAMBIOÁ", e outra que não lembro; que em abril de 1972 esse três pontos foram atacados pelas Forças Armadas, de modo simultâneo, o que segundo ele, revelava prévio conhecimento; que essa primeira investida havia perdurado por três ou quatro meses, depois dos quais as Forças Armadas retiraram-se para a periferia; que em seguida (dois ou três meses após) as Forças Armadas voltaram a atacar o grupamento, mas finalmente retiraram-se novamente para as cidades da periferia; que então o grupamento, que havia perdido nessas duas "campanhas ofensivas", como se diz) 18 ou 20 "combatentes", teve uma folga de um ano, aproveitando-a para realizar o trabalho político entre o povo. Foi nesse período que o grupamento publicou o Programa dos "combatentes", em torno do qual chegaram a organizar cerca de uma dezena de núcleos da chamada: "UNIÃO PELA LIBERDADE E OS DIREITOS DO POVO". Disse que em OUT de 1973 as Forças Armadas "lançaram nova ofensiva", desta vez para liquidar o grupamento. Que essa "Ofensiva" estava melhor organizada que as outras; que as Forças Armadas, tendo conseguido "bons rastejadores", ao contrário das outras vezes, penetraram na mata com profundidade. Disse, ainda, que até fins de dezembro havia morrido mais uma dezena de "combatentes" que integravam o grupamento. E que no dia 25 de dezembro de 1973, se havia verificado "um grande combate", tudo dando a entender que o ataque das Forças Armadas havia caído sobre o grosso do grupamento chefiado por MAURÍCIO GRABOIS ("MARIO"). Disse que após tentar, por vários dias, ligar-se ao grupamento, e não o conseguindo, resolveu voltar para SÃO PAULO.

Continuação do Interrogatório nº M/13L./76, c.08/ .DEZ/76 Fol. nº22.

disse, ainda, que achava ter sido grave a "derrota", mas que não podia afirmar tivesse o grupamento sido totalmente liquidado. Em essência, foi o que ele disse sobre o assunto.

Desde então, o assunto "Araguaia" tem estado constantemente na ordem do dia da "Comissão Executiva" e do "Comitê Central". As posições dos diversos membros do "Comitê Central" e da "Comissão Executiva", são bastante divergentes. Três são essas posições: Os que defendem que é pelo caminho do "Araguaia" que o Partido deve seguir. Os que consideram que o "Araguaia" foi uma aventura e, portanto, um erro. E os que ficam balançando entre esse dois pólos. A tendência é vencer a primeira posição. Quanto à mim, depois de uma primeira opinião fortemente crítica, exposta na Comissão Executiva, ainda antes de abril de 1972, embora não soubesse o que era e onde era a então chamada "Área prioritária", conhecimento que somente tive após o início da "luta", por informação do JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL" "ALCIDES"), firmei-me na seguinte posição:

- 1) No Brasil de nossos dias não há razões nem condições para esse tipo de ação.
- 2) A experiência indica que a chamada "Guerra Popular" só pode vingar em países que: a) Estejam sob ocupação estrangeira (casos da CHINA, VIETNAM e INDOCHINA, EM GERAL, ANGOLA, MOÇAMBIQUE, ARGELIA, etc). Não é o caso do BRASIL que tornou-se independente já em 1822. b) estejam, por muitos anos, com sua economia estagnada ou em retrocesso, com todos os problemas político-sociais que isso acarreta. Não é o caso do BRASIL, cuja economia vem alcançando, nos últimos anos, altos índices de desenvolvimento. O BRASIL é, hoje, economicamente, o País mais desenvolvido entre os chamados países do "Terceiro Mundo". c) Limitem com países interessados em ajudar a esse tipo de luta (CHINA, em relação ao VIETNAM DO NORTE. VIETNAM DO NORTE, em relação ao do SUL, ao LAOS e ao CAMBODJA. Na AFRICA, países "NEGROS" em relação à luta dos negros de outros países. Países árabes, em relação à luta dos argelinos contra os franceses, e, finalmente, a União Soviética em relação às forças que acompanhavam MAO TSE TUNG). Também não é o caso ou situação do BRASIL, que tem fronteiras com países amigos, cujos governos, longe de estarem interessados em ajudar a esse tipo de luta no BRASIL, combatem-no também, em seus respectivos países.

Essa é a regra geral determinada pela experiência dos movimentos armados de rebeldia nos últimos 20 ou 30 anos. Sem a existência dessas três condições a chamada "Guerra Popular" não pode vingar. Tentativas podem ser iniciadas, como sucedem no PERU, na BOLÍVIA, na COLÔMBIA e na VENEZUELA (e cabe lembrar que todos esses países estão muito mais

estão muito mais atrasados do que o BRASIL, quanto ao desenvolvimento econômico), mas essas tentativas sempre fracassam. E o segredo desse fracasso é o seguinte: sem a existência das três condições acima citadas, os que dedicam-se a organizar a chamada "Guerra Popular" não podem conseguir o apoio e a adesão do povo; ficam isolados. E, sem o apoio do povo, a chamada "Guerra Popular" transforma-se num jogo à "la guevara", desligado das necessidades e realidade de um país determinado. Torna-se algo postigo porque irreal. A única exceção a essa regra, nos últimos 20 ou 30 anos, foi CUBA. Mas como é notório toda excessão confirma a regra, e a de CUBA é um caso especial que não analiso porque foge aos objetivos e limites do que aqui estou escrevendo, e, também, porque em virtude da revisão que nos últimos três ou quatro anos venho fazendo, e da conclusão já amadurecida antes de ser preso, minha cabeça estava voltada para outros temas ligados à organização de uma nova vida pessoal e familiar. Aqui, o passado torna a erguer-se diante de mim, ameaça-me, obriga-me a tomar a pensar nele. Mas eu ^{vcu} vencê-lo novamente. Aliás esse passado já está vencido na minha consciência, no meu modo de pensar e de agir. Ele já há algum tempo nada significa para mim. Mas voltemos ao assunto do qual, por um momento me desviei: Tudo o que eu disse mostra que tentar transplantar para o BRASIL, experiências alheias, como faz o PC do BRASIL, não é só causar prejuízos à Nação, é viver no "mundo da LUB" ou no "ASTRAL". A tendência desse Partido à copiar experiências alheias é tão descumunal que sua ação toca as raias do absurdo, e suas posições tornam-se risíveis. Um exemplo apenas: segundo MAO TSETUNG, durante o período da luta armada na CHINA (22 anos), suas forças sofreram "três campanhas de cerco e aniquilamento". Pois bem agora o JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES"), ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR"), etc. dizem que "os combatentes do Sul do PARÁ" também sofreram "três campanhas de cerco e aniquilamento". Basta! É demais!

Os membros do Comitê Central que estavam na "Área prioritária" são os seguintes: JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") e ELZA DE LIMA MONERAT ("MARCIA", "MARIA", "ANA"), que tendo vindo a SÃO PAULO em fevereiro ou março de 1972, e tentando voltar à "Área" em abril desse ano, não puderam entrar em virtude do "cerco" a que a "Área" estava submetida pelas tropas do governo". JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") e ELZA DE LIMA MONERAT ("MARCIA", "MARIA", "ANA") informaram, ainda, que o ônibus em que ELZA DE LIMA MONERAT ("MARCIA", "MARIA", "ANA") viajava para MARABÁ foi parado numa "barreira" por tropa do governo, a qual revistou os passageiros e prendeu uma pessoa (homem) que com ela ia para integrar-se no grupamento.

Continuação do Interrogatório nº 11/131./..16 de Q8/ 1974/ 16 Fol. nº 24

que ela havia seguida, sem ser molestada, até MARABÁ, onde despachou para BELEM uma moça que com ela ia, e voltou a ANAPOLIS para avisar JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") do que estava acontecendo. Que os dois, então, voltaram a SÃO PAULO. AGRÍCIO GRABOIS ("MÁRIO"), JOSÉ HUMBERTO BRONCA ("ZÉ FOGOIO", "ZEMHO", "ZÉ DAS NEVES", "ZECA", "MARIO", "DINO", "DANILO"), JOÃO DE TAL e ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR"). Este (ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR")) foi o único que voltou do Sul do PARÁ em Janeiro de 1974, contando a história já relatada.

No ano de 1974 o acontecimento "mais importante" foi a adesão da "Ação Popular" ao "Partido Comunista do Brasil". Embora HAROLDO RODRIGUES DE LIMA ("JOSÉ ANTONIO") e ALDO DA SILVA ARANTES ("DIAS") já viessem funcionando há alguns meses na "Comissão Executiva" desse Partido, a adesão somente foi formalizada pelo Comitê Central em fins de 1974 (não lembro o mês). Nessa reunião participaram: JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES"), PEDRO VENTURA FELIPE DE ARAÚJO POMAR ("MÁRIO"), ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR"), ALDO DA SILVA ARANTES ("DIAS"), WALTER POMAR ("JOSÉ ALVES NETO", "NILO"), ARMANDO TEIXEIRA FRUTUOSO ("JUCA", "SANTOS"), ELZA DE LIMA MONERAT ("MARCIA", "MARIA", "ANA"), SÉRGIO, da "Ação Popular", RAUL, da "Ação Popular", ALVARO, da "Ação Popular", JOÃO BATISTA FRANCO DRUMOND ("EVARISTO") da "Ação Popular". Nessa reunião ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR") informou, objetivamente, sobre os acontecimentos de MARABÁ (Araguaia) sem dar opinião. Esse ponto, então, não foi debatido. A "discussão" do assunto seria feita em posterior reunião desse organismo. O Comitê Central cooptado nessa reunião e existente até hoje é o seguinte: JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES"), PEDRO VENTURA FELIPE DE ARAÚJO POMAR ("MÁRIO"), ANGELO ARROIO ("JOAQUIM", "ADEMIR"), HAROLDO RODRIGUES DE LIMA ("JOSÉ ANTONIO"), ALDO DA SILVA ARANTES ("DIAS"), MANOEL JOVER TELLES ("RUI", "OLIVEIRA", "T.J. PAULO"), ELZA DE LIMA MONERAT ("ANA", "MARCIA", "MARIA"), WALTER POMAR ("JOSÉ ALVES NETO", "NILO"), ARMANDO TEIXEIRA FRUTUOSO ("JUCA", "SANTOS"), DINEAS FERNANDES DE AGUIAR ("DECIO", "RENATO", "DANIEL", "OSWALDO"), DIÓGENES DE ARRUDA CÂMARA ("ANDRADE", "BIGODE", "ANDRÉ"), SÉRGIO, da "Ação Popular", RAUL, da "Ação Popular", ALVARO, da "Ação Popular", JOÃO BATISTA FRANCO DRUMOND ("EVARISTO"), da "Ação Popular", DIÓGENES DE ARRUDA CÂMARA ("ANDRADE", "BIGODE", "ANDRÉ") e um rapaz que veio da BAHIA, cujo nome não sei. A "Comissão Executiva", que existe até hoje, ficou assim: JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL", "ALCIDES") Secretário Político; PEDRO VENTURA FELIPE DE ARAÚJO POMAR ("MÁRIO") Secretário de Organização;

E antes disto a China toda dividida, em pedaços dominadas por diversas potências estrangeiras. Inclusive fala-se no famoso jardim que tinha, não sei se em Xangai, que tinha uma legenda no portão que dizia o seguinte: " aqui não pode entrar cães nem chineses", coisa deste tipo assim. Então quer dizer este fator nacional não existe no Brasil assim com esta força assim. O Brasil não está ocupado por nenhuma potência estrangeira. Se o Brasil fosse ocupado por uma potência estrangeira, então eu tinha certeza que os brasileiros todos se uniriam para botar o invasor para fora, e estaria contra todos aqueles também que estivessem ao lado do invasor. A não ser num caso específico, então isto não aconteceria. Seria o caso de uma guerra em que o Brasil tivesse um ou outro país, aliado, uma guerra contra um inimigo comum, e por necessidade da própria guerra, pudesse haver instalação territorial, um estabelecimento, esta coisa toda, mas aí seria um caso já todo diferente. Como houve na guerra passada em que o americano veio para o Nordeste. Não tinha problema. Estavam todos de acordo, inclusive os comunistas, até porque travavam a luta contra a Alemanha. Bem, neste caso específico, sim. Não existe fator nacional, no Brasil, que possa digamos assim, solidificar esta coisa, então quer dizer, não se justifica e é errado o troço. Em segundo lugar ela só é possível naqueles países, que mesmo não tendo este fator nacional muito é . . . numa posição geral primazial, digamos assim, são países que economicamente, e por muitos anos, estagnam sua economia ou retrocedem sua economia, com os problemas políticos e sociais que tudo isto cria. Bom, então aí é um outro fator. Que na minha opinião em todos esses que tiveram o problema nacional - como primazial, tiveram este junto. Também não é o caso do Brasil. O Brasil, com todos os percalços, com todas as necessidades, com toda essa coisa, o Brasil nos últimos anos vem alcançando índices de desenvolvimento, quer dizer, sem precedentes, digamos assim. Por outro lado o Brasil não é um país como qualquer país africano, não é um país como qualquer país asiático. O Brasil é hoje o país mais desenvolvido economicamente, entre os chamados países do 3º mundo. Esta que é a verdade. Então, não pode ser. Não pode ser. Está errado. Não pode ser. Em terceiro lugar, a Guerra Popular se desenvolveu, se tornou vitoriosa, como regra quase às exceções, em países que tem nas suas fronteiras, outros países interessados em estimular e ajudar este tipo de luta. Moral, política e materialmente. Exemplo. Em relação a China a União Soviética. Em relação ao Vietnã a China. Em relação ao Vietnã do Sul o Vietnã do Norte. Em relação ao Combodja e Laos o Vietnã do Norte e a China, para nós falar na União Soviética. Em relação a Angola, em relação a Moçambique, os países negros, digamos assim, sem nenhum, não considere esse termo pejorativo, ajudando os negros desses países de fato. Isso estamos vendo aí. É popular. Mas aqui na América Latina o Brasil tem este problema? O Brasil não tem este problema, o Brasil está cercado de países amigos que longe de estarem interessados em . . .

estimular lutas deste tipo, aqui no Brasil, a um forte combate a este tipo de luta nos seus próprios países. Então como é que é? Então é uma guerra que não tem razão de ser e não pode de maneira nenhuma se instalar. Se instalar ainda pode, mas serão facilmente derrotados. Esta é a minha opinião. Eu vinha discutindo a coisa, causou muita celeuma, que o próprio Amazonas dizia o seguinte: Eu acho que você está errado. O seu lugar é no Partido não é aqui e eu não digonada e coisa tal. Vamos discutir, vamos divergir. Então o Araguaia é o seguinte: não se sabia a coisa, não se discutia, onde é? O que é? Não se discutia o negócio. Quando foi em 1972, enfim o negócio foi descoberto, e estourou. Quando estourou, então, todo mundo ficou sabendo, sabendo o mistério Araguaia o que era, etc. Bem, o que aconteceu no Araguaia e agora já me baseio no relatório do Arroio que esteve lá, o PC do B conseguiu implantar lá um grupamento de cerca de 70 pessoas. Esse grupamento, que foi, digamos assim, instalado lá, paulatinamente, gradualmente, começou já em 1966/67, antes de eu vir para cá. E, começaram a usar os seguintes métodos, de acordo com o relatório do Arroio: ligação com os moradores, através de "batizamentos" de crianças, portanto isto é lá com os padres, através da cura, de pequenas intervenções, até cirúrgicas, e remédios gratuitos, através da vendas de produtos por preço barato, através de participação em mutirão nas roças, nas construções de casas etc. . . tudo que eles fizeram antes, isso sim. Eles fizeram antes exatamente aquilo. Não é? Então começaram a implantar e a ter ligação com a massa, nesta base, não na base política, na base, digamos assim de relações humanas, digamos assim. Até que num determinado momento em 1972, o Amazonas e a Elza que estavam aqui, voltaram para lá. E de repente apareceram novamente em São Paulo. Então contam a seguinte história: que Elza foi na frente e o Amazonas, dois, três dias, ou quatro dias depois, ou cinco, não sei, uma semana, não sei, e que a Elza levava mais duas pessoas, para se integrarem no grupamento. E que de ônibus iam em direção a Marabá. Que num determinado momento, já próximo, havia uma barreira de militares. O ônibus parou, os militares entraram para fazer uma verificação da documentação dos passageiros, e a revistar as malas. Então quando leram aquela coisa, aquele papel que diziam que era o Araguaia eu li quei pensando: Puxa é tudo que eles fizeram . . . E prenderam exatamente um dos elementos que estavam com Elza. Esta é a história que eles contam. E que aí então, não aconteceu nada com ela nem com a outra pessoa que estava com ela, e seguiram para Marabá. Que em Marabá já viu toda a coisa tomada, tropa, etc. Não é isso? E o povo então lá, com os conhecidos, já tinha lá gente com 5 e seis anos, disseram que a barra estava quente, etc., que ela então despachou, ela até disse, - uma japonezinha no ônibus via Belém e se mandou de lá para Anápolis, - para avisar o Amazonas. E que realmente em Anápolis, com a combinação que eles tinham, não sei qual era, encontrou com o Amazonas e avisou

o que estava acontecendo. Então os dois voltaram.

I - Voltaram para onde?

D - Para São Paulo, a sede deles é lá. Para o "aparelho" lá delas. Bem. Isto é uma primeira coisa. Claro que aí eu já sabia da Marala, ela trazia uma série de coisa, aquele negócio de que nada mais era, era uma série de coisas desse tipo. Quando o Arroio voltou então, o Arroio ficou todo esse período até 1974, o Arroio então conta a seguinte história: que num determinado dia, a área que tinha 150 quilômetros de largura, com a Floresta na retaguarda, e que eles tinham dividido este agrupamento em três sub-áreas, dentro da área: uma Xambicá, outra Beira e a outra não sei o que não sei o quê. E que o ataque das forças do governo se deu simultâneo nas três sub-áreas, digamos assim. Ele disse o seguinte que isto demonstrava conhecimento prévio, do governo em relação as operações existentes. E que portanto ele achava que alguém tinha denunciado esta coisa. Então disse o seguinte: este ataque ele considerou a primeira campanha, que durou uns três meses. Então ele disse que recuaram, parece que perderam alguns elementos, recuaram e tal e que a tropa ficou, enfim, uns seis meses depois voltou e ficou na periferia. Dai uns três ou quatro meses voltou ao ataque novamente. Eles também recuaram etc., está no relatório dele, e depois de três ou quatro meses também a tropa voltou para a periferia novamente. Mas aí é o seguinte, então já tinha havido uma baixa de quase trinta homens no agrupamento. Então disse o seguinte que quando chegou em outubro de 75, então houve o que eles chamam de terceira campanha. Na China Mao Tse Tung fala que teve três campanhas de cerco e aniquilamento, eles disseram então, três campanhas, também mesmo, não tem conversa. Um troço danado, viu? . . . 683? de helicóptero, um troço terrível. Então fizeram a tal de terceira campanha em outubro. Então ele disse o seguinte que a terceira campanha toda foi de maneira diferente da anterior. Foi para liquidar. Disse que o Exército no chão e a polícia do Pará, foi mesmo para liquidar. Conseguiram bons rastejadores e fizeram o seguinte: a ocupação da periferia, as cidades todas da periferia, inclusive a ocupação de certas fazendas, no interior já da mata. E depois começaram a vasculhar a mata em pequenos grupos de vinte e trinta homens com rastejadores e as armas . . . 702/703. Então diz ele o seguinte que o grupo dele era um que tinha parece vinte e cinco homens ^{ou 2. até 3. até 4. até 5.} uma coisa assim, e num determinado momento, então, ele vendo a coisa feia ele dividiu este grupo em 4 ou 5 grupos para dispersar. Então saiu um grupo para cá, outro para cá, outro para cá e que de repente ele ouviu um tiroteio na direção do grupo, depois tiroteio na direção de um grupo, depois tiroteio na direção de um grupo e daqui a pouco caiu em cima deles também, metralhadora, rajadas etc., não é isso? De maneira que o grupo dele se disperçou, parece que morreu gente, e ele então ficou mais ou menos sózinho, e foi procurar então ligação com o grosso do grupamento, como ele disse, que era dirigido por Maurício Grapois.

Disse que com MAURICIO GRABOIS deveriam estar por lá umas 25 pessoas. Então disse o seguinte: que quando estava se aproximando correu a se assustar, porque por todo lado que ele olhava era rastro de botas. Então ele calculou o seguinte: aí o pessoal não vai usar bota do Exército, não é isso? Bem. E que de repente, então ele ouviu um tiro muito forte, como se detonasse mais de três tiros, uma coisa bastante grande. Depois disse que tinha helicópteros sobrevoando lá, e ele até disse no relatório: pareciam ou estar subindo os mortos ou descendo mais tropas estavam planando com cordas, parece não? Quer dizer, em face disso, então ele recuou e que daí um dia ou dois, não sei, ou três, ele encontrou um tal de "OSWALDO", que eu também não sei quem é. Ele disse que é um crioulo forte, tinha sido lutador de box,

e que esse OSWALDO então lhe contou o seguinte: que o ataque foi realmente ao grupo do GRABOIS, eu estava num flanco qualquer ou fazendo uma necessidade fisiológica, não me lembro, ou apagando um rastro, um negócio qualquer, como o ataque se deu, então abriu e caiu fora, então não sabia o resultado da coisa. Bem calculava o seguinte nesse relatório de informações subjetivas sobre as coisas que aconteceram lá, e ele não sabia, mas que o grupo podia ter sido arrepiado todo, mas também podia ter sobrado gente, e como o pessoal, dizia ele, que era muito bom e que se sobrou 4,5 ou 6 que isso continuaria e assim terminavam. Não é isso? Bem, o ARACUAIA foi isso plenamente, dava para fazer um filme. E em relação ao ARACUAIA aí se ficou sabendo depois, eles tinham escolhido outras áreas que eram áreas secundárias, na ocasião do ARACUAIA e depois se ficou sabendo que era e que não existia mais nada disso. Então quais eram essas áreas? E eu então ironicamente chamava o seguinte: nos já temos o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto Exército, não é? Pômar até achava e ficava dizendo: deime de ironia. Primeiro, segundo, terceiro e quarto Exército. Uma das áreas que eles chamavam de segunda área estava por conta do POMAR, no VALE DA RIBEIRA. Mas pelas informações do POMAR, não tinha nada. A outra área que eles chamavam terceira, que segundo o ponto forte, depois que eu soube, depois que estourou o negócio, era uma zona de cacau na BAHIA, parece que era em IMLÉUS. Eu não conheço. Eu nunca fui a BAHIA. Essa área era do DANIELLI, era quem assistia, CARLOS NICOLAU DANIELLI. A quarta área eu acho, era no CEARÁ, na zona de GRATEUS, que era assistida, disse que tem um bispo lá, não sei qual é o nome dele, e tem um bispo ou tinha.

- I - Não era o FRAGOSO?
- D - É o FRAGOSO, parece que é FRAGOSO.
- I - É ligado ao PC do B?
- D - Eles faziam frente única com ele, não há dúvida, o POMAR, WALTER POMAR falou com ele. É o FRAGOSO. Então é o seguinte na zona de GRATEUS seria então a outra área.

Essas áreas todas eram áreas difíceis, segundo depois eu fiquei sabendo, não tinha nada. Bem, mesmo depois da vinda do ARROIO, que agora o nosso amigo estava me interrogando aí. Sobre aqueles papéis aí que eu deixei lá, em casa, não sei porque eu deixei aquela pôrra em casa lá, um troço que eu copiei de reunião, não sei. Depois que o ARROIO veio, as divergências que haviam comendo solto na Comissão Executiva se acentuaram ainda mais. Essas divergências apresentam praticamente duas posições, que a outras não chegam a ser nem posição. Uma das posições é a seguinte: o ARAGUAIA, embora sendo derrotado, mostrou que ele é o caminho da revolução no BRASIL, e portanto é nesse sentido que o Partido que vai fingindo. Nessa posição estão o AMAZONAS, o ARROIO e de certa forma o MARILDO LIMA. A outra posição, parece que tem solução é uma posição deles, o que eu estou falando aqui são posições deles. A outra posição, o PEDRO POMAR dizendo que o ARAGUAIA não valeu o sacrifício e portanto constituiu um erro, mas o POMAR aborda o ARAGUAIA, não do ponto de vista de um reconhecimento de que a GUERRA POPULAR é inviável nas condições do BRASIL. Não sob esse ângulo. Ele aborda o problema do ângulo de que aquilo foi um foco simplesmente, mas que não sendo um foco, pode ser. Esse é o ângulo de POMAR, como mas não no sentido mais geral, de que a GUERRA POPULAR é inviável nas condições mínimas. É a minha posição os senhores já conhecem, eu acho que a GUERRA não se justifica, a GUERRA POPULAR no BRASIL é inviável. Porque no BRASIL não existem estas três condições básicas, as quais eu me referi. É o AMARALTES que fica balangrando sem opinião cristalizada entre esses focos. Uma vez mais para lá outra vez mais para cá. Bem, no COMITÊ CENTRAL a tendência mais geral é ficar com as posições do AMAZONAS e baseado nisso, eu sinto lá, eles criaram uma Comissão Militar.

- Vamos dar uma paradinha, vamos trocar.
- Bem, vamos então encerrar a parte do ARAGUAIA.
- Bem então retomando o fio de que eu vinha dizendo, havia divergências no COMITÊ CENTRAL e na COMISSÃO EXECUTIVA, estão na im, com essas três posições. A tendência do Comitê Central é constituir uma maioria com as posições do AMAZONAS e do ARROIO. Baseado nisso é que eles já constituíram a COMISSÃO MILITAR da qual nós já sabemos. Toda a intenção deles é de continuar criando novas aventuras do tipo ARAGUAIA. Parece eu, que não vai ser fácil para eles, porque depois de que aconteceu no ARAGUAIA, eles tinham se esquecido de trazer patos CHINESES e amarrar o brasileiro para levar para lá, depois de que aconteceu lá. Em todo o caso, como a AP tem esses 25 quadros intermediários que existem infelizmente, eles podem realmente conseguir arrumar uma nova aventura. Mas se sentido é que é estranho o fato de lá terem mandado para o LÁS e "RAUL" o "EVARISTO" e o "SERGIO". Em GAIAS, segundo eles mesmo inferiram, não havia Partido. Porque mandam esses três membros do COMITÊ CENTRAL de lá para lá.

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE LIMA ROBERTAT ("MARTA DA GLÓRIA LO-
PEZ DA SILVA", "VELHA", "D. MARTA", "MARTA", "VELHA MARTA", "MARTINHA",
"LUCIA", "MARTA JOSE OLIVEIRA", "HONORINA LUIZA CATSER", "DORALICE")
DOS SANTOS NASCIMENTO" ou "MARTA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR " C " DAS 0915 AS 1800 DO
DIA 12/13 / JAN / 1977.

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: - PG DO B

000819001512 1882

DE ARAUJO POMAR, reunia-se com JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO e AN-
GELO ARROYO, pelo menos duas vezes por mês, entretanto a depoente/
nunca participou destas reuniões; que nestes três últimos meses a
depoente manteve contatos quinzenalmente com PEDRO VENTURA FELIPE/
DE ARAUJO POMAR, em virtude da ausência de JOÃO AMAZONAS DE SOUZA
PEDROSO; que os "pontos" eram cobertos, ora na Rua Jak Felix (come-
ço da Av. Santo Amaro) ora na Rua Bandeira Paulista (travessa da /
rua Joaquim Floriano); que o último contato realizou-se no dia /
13/12/76, às 2000 horas, tendo recebido deste determinação para pe-
gar MANOEL JOVER TELLES, na Rua Batatais, a fim de que este partici-
passe de uma reunião da C.Ex., a qual se realizou no "aparelho" da /
Rua Pio XI; que ainda no mesmo dia (13/12/76), por volta das 2000 /
horas, contactou-se com HAROLDO BORGES RODRIGUES DE LIMA e ALDO SIL-
VA ARANTES, na Rua Paulistana (próximo à Av. Pompéia), os quais /
também participaram das reuniões.

Que no dia 14/12/76, finda a reunião da C.Ex., a depoente
recebeu determinação de PEDRO VENTURA FELIPE DE ARAUJO POMAR, para
contatar-se e conduzir para o "aparelho" "ALANIR VENTURA TORRES PO-
MAR, JOÃO BATISTA FRANCO DRUMONT, RAFAEL DE DEUS BONIFÁCIO e PÉRI-
CLES SANTOS SOUZA, os quais deveriam participar da reunião da Comis-
são Central (C.C.), sendo certo que já se encontravam no "aparelho"/
os seguintes militantes:

- PEDRO VENTURA FELIPE DE ARAUJO POMAR;
- ANGELO ARROYO;
- MANOEL JOVER TELLES;
- ALDO SILVA ARANTES; e
- HAROLDO BORGES RODRIGUES DE LIMA.

Que de todos os militantes citados, só não participou da reu-
nião da C.C. PÉRICLES SANTOS SOUZA, pois este não compareceu no pon-
to pré-estabelecido.

A depoente esclarece que desde o início de 1973, época em que
passou a ser responsável pelo "aparelho" da organização, não deixou /
São Paulo para exercer qualquer outra função.

Perguntado a depoente quais as pessoas que conduziu para a
região de Marabá, respondeu o seguinte:

que, em 1969 recebeu determinação de MAURÍCIO GRABOIS, para
se deslocar para um lugar denominado Faveira, próximo a Marabá, Mg

- Continua .-. 4

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE LIMA MONTEZAT ("MARTA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", "VELHA", "D. MARTA", "ANA MARTA", "VELHA MARTA", "MÁRCIA", "MÁRCIA", "MARTA JOSE OLIVEIRA", "MARGORINA LUIZA CAISER", "DORALICE DOS SANTOS NASCIMENTO" ou "MARTA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "C" DAS 0915 AS 1800 DO DIA 12/13 / JAN / 1977.

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: - PC DO B

000819007512 1883

- tado do Pará, lugar onde a organização (IC do B) havia comprado um sítio, com pretensões de num futuro próximo instalar uma área de guerrilha; que a depoente viajou para Karabá, contatando nesta cidade com JOÃO BISPO FERREIRA BORGES ("JOCA"); dando início aos trabalhos, tendo naquela época montado uma quitanda; que seis meses / após chegou JOSE CARLOS FERREIRA, tendo este militante por ordem de algum dirigente da organização, que a depoente acha ser JOÃO ALAZO NAS DE SOUZA PEDROSO, comprado uma grande área de terras, próximo / ao Rio Fortaleza, uns 40 quilômetros de primeiro sítio, local onde a depoente sempre atuou; que com a abertura deste novo sítio, a organização achou a necessidade de deslocar mais militantes para a região.

Que, a depoente entre início de 1970 até abril de 1972, quando deu-se as quedas e desmoronamento da região pelas Forças de Segurança, conduziu os seguintes militantes àquela área:

- "PAULO";
- "JOÃO"; (?)
- "JURAKIR"; (?)
- (?) "EMANUEL" *Carreira*
- DANILO DE TAL ("NITLO");
- "SONIA"; (?)
- (?) ADILSON FERREIRA TELES ("JORGE" ou "MIGUEL") *José para Guará com reservas;*
- ADRIANO FORSECA FILHO ("CHICO" ou "ALBERTO");
- KEO-KATYJANO (foi preso na cidade de Karabá, antes de chegar no sítio); e *RICKO KATYJANO*
- EDUARDO JOSÉ MONTEIRO TELHEIRA (este militante foi preso durante a viagem).

Que estes militantes lhes foram passados no aparelho da organização, na época localizado na Granja Julieta, região de Santo/Amaro, por CARLOS NICOLAU DANIELLI ("PONTES"), o qual era responsável pela entrada e saída dos elementos no dito aparelho, e, que hoje é função da depoente; que tais militantes eram conduzidos de dois a dois, por viagem.

Que além dos militantes citados a depoente esclarece que foram deslocados para a região mais os seguintes elementos:

- LUCIO PETTI DA SILVA; *ou Jaime (irmão)*
- LUCIA REGINA MARTINS DE SOUZA;

- Continua...-

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE LIMA KONNERAT ("MARTA DA GLÓRIA LOPES
DA SILVA", "VELHA", "D. MARTA", "ARA MARIA", "VELHA MARTA", "LUCIA", //
"LUCIA", "MARTA JOSÉ OLIVEIRA", "HONORINA LUTZ CAISER", "DORALICE
DOS SANTOS NASCIMENTO" ou "MARTA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR " C " DAS 0915 AS 1800 DO
DIA 12/13 / JAN / 1977.

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: PO DO B

- "ROSA";
- HELENI RA REZENDE DE SOUZA NAZARÉ;
- "ARI";
- CRISTINA ALICE. *Esposa de Le Almeida*

Que durante sua permanência na Área JOÃO AMAZONAS DE SOUZA
PEDROCO e ANGELO ATROYO, visitaram a região várias vezes.

Que, MAURÍCIO GRABOIS foi deslocado para a região em fins de
1969 ou início de 1970, sendo que com o desarmamento de toda a
Área, nunca mais viu o referido militante.

000819004512 1884

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE LIMA MONNERAT ("DORALICE DOS SANTOS /
"ASSISTENTE", "MARIA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", "MARIA JOSÉ OLIVEIRA",
"HONORINA LUIZA CAISER", "VELHA", "ANA MARIA", "D. MARTA", "VELHA MARIA",
"MÁRCIA", "LÚCIA", "ALICE" ou "MARIA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "B" DAS 0900 AS 1800 DO
DIA 14/15 / JAN / 1978

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: - PO do E

000819 004512 1725

Em complemento a depoimentos anteriores, a depoente re-
tifica seu depoimento prestado dia 21/12/76, esclarecendo que o //
elemento detido por uma patrulha do Exército, próximo a área de //
guerrilha do PO do E, era EDUARDO JOSÉ MONTEIRO TEIXEIRA ("OHICO"
ou "ALFREDO"), militante da organização e que a depoente estava //
conduzindo para a área; que, esta detenção despertou a atenção da //
depoente, passando a observar movimentos de soldados na região; //
que, achou por bem não descer no local costumeiro para dirigir-se //
para a área, tendo ido direto para Marabá, pois ainda conduzia um //
outra militante, que agora identifica fotograficamente como sendo //
RICKO KAYANO; que, em Marabá pernitou no hotel da Dona ILDA, jun- //
tamente com RICKO KAYANO, sendo certo que no dia seguinte, achou //
por bem retornar a São Paulo, determinando a RICKO KAYANO que tam- //
bém retornasse a São Paulo, mas por medida de segurança ela deveria //
fazer o trajeto Belém/São Paulo, enquanto a depoente fez o percurso //
de retorno por Imperatriz, Anápolis e finalmente São Paulo; que, em //
Anápolis a depoente permaneceu três (3) dias, pois sabia que JOÃO //
AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO ("CID", "MONTEIRO", "RAUL" ou "ALCIDES") //
deveria passar por essa cidade em direção a área de guerrilha; que, //
no segundo dia, realmente JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO desembar- //
cou de um ônibus que vinha de São Paulo, tendo dado a estes sinais, //
de que as coisas não corriam bem na área de guerrilha e que deveria //
voltar imediatamente, o que foi feito.

Esclarece a depoente, que a rota normal de São Paulo //
até a área de guerrilha, era a seguinte: - As viagens eram sempre //
de ônibus: - São Paulo, Anápolis, desta cidade havia duas rotas, //
inicialmente a organização usava a rota de, Anápolis, Imperatriz e //
desta cidade por meios fluviais, até Apinagés, desta cidade por //
meio de caminhão até São Domingos e daí até a área, o percurso era //
a pé; que, uns meses antes da queda da área (ABR/1972), passaram //
também a usar a rota Anápolis, Tocantinópolis e daí para Marabá, //
sendo certo que uns 30 Km antes de Marabá, um local denominado //
Cantina, um Ponto de Café, onde os militantes desciam do ônibus e //
dirigiam para a área; que, a área de guerrilha da Araguaia, com- //
preendia 4 a 5 locais ou focos de reuniões de militantes, sendo //
certo que a depoente estava responsável pela área denominada "BEIRA"
ou "FAVÉIRA", onde residia juntamente com LÚCIA REGINA MARTINS DE //
SOUZA e LÚCIO PETIT DA SILVA, que, neste local realizavam uma reu- //
nião por mês, onde discutiam problemas da área; que, em fins de 1977,

(Continua...)

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE LUIA MCNNERAT ("DORALICE DOS SANTOS NASCIMENTO", "MARIA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", "MARIA JOSÉ OLIVEIRA", "HONORINA LUIZA CATSE", "VELHA", "ANA MARIA", "D. MARIA", "VELHA MARIA", "LARIOLA", "LÓCIA", "ALICE" ou "MÁRIA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "B" DAS 0900 AS 1800 DO DIA 14/15 / JAN / 1973

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: - PG do B

houve uma reunião com a participação de MAURÍCIO GRABOIS, ("MÁRIO"), JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSO, ANGELO AROYO ("JOAQUIM" ou "JORGGE"), JOSÉ CARLOS FERREIRA, JOÃO BISPO FERREIRA BORGES ("JOCA") e a depoente, sendo que no final desta reunião, ficou acertado a criação de mais uma área, a qual ficaria a cargo de JOÃO BISPO FERREIRA BORGES; que, uma outra área identificada por "Centro", distante uns 40 ou 50 Km do local, onde a depoente estava, era chefiada por JOSÉ CARLOS FERREIRA e JOÃO BISPO FERREIRA BORGES; que, nesse local havia em média de 30 a 50 militantes, lembrando-se dos seguintes nomes:-

- "PIAUI" Antonio Pádua Costa
- "MANUEL" Manoel Augusto de Oliveira
- "PAULO" Paulo Mendes Rodrigues
- "ARI" Arildo V. Padua
- "JOÃO" /
- "JERARQUE" /
- PEDRO GIL / deve ser GILBERTO OLÍMPIO MATA ("PEDRO")
- DANILLO CARNEIRO ("NILO")
- "LANDINHO" /
- "SONIA" - morreu na área Lucia Maria de Sousa
- "NUDES" - morreu na área Divino Ferreira de Sousa
- "RCSA" - era amante de "PAULO" Maria Elia Correia
- HELENA REZENDE DE SOUZA NAZARÉ ("FÁTIMA" - morreu
- "ALFREDO" - morreu na área Francisco de Lima
- GLIMÉIA ALICE Schmitt de Almeida
- "SUZÂNIA" ou "ZEDÃO" - morreu na área João Augusto Estabacini
- "LAURO" ou "ZÉ FRANCISCO" - morreu na região de Lambiar João Francisco Estabacini
- "GLENIO" - foi preso na área Gleivis Fernandes de Sá
- "LUIZ" - Guilherme Ramos Junior
- "DUDA" - Luis Rene Ferreira e Silva
- "EDINHO" Hélio Luiz Navarro de Magalhães
- "CRISTINA" Jana Maria Barros
- "VALER" Ursacir Assis Batista
- "P. CARRETEL" - fugiu da região Redes Pereira de Sousa
- "BETO" - LÚCIO PETIT DA SILVA - morreu na área
- JOSÉ CARLOS FERREIRA - morreu na área - Cate da área
- JOÃO BISPO FERREIRA BORGES - Cate da área

(Continua...)

000619004512 1726

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE IMA LACERAT ("DORALICE DOS SANTOS NASCIMENTO", "MARIA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", "MARIA JOSÉ OLIVEIRA", "HONORINA LUIZA CAIEN", "VELHA", "ANA MARIA", "D. MARIA", "VELHA MARIA", "MÁRCIA", "LÚCIA", "ALICE" ou "MARIA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "B" DAS 0900 AS 1800 DO DIA 14/15 / JAN / 1978

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE:- PG do B

- Osvaldo Orlando da Costa*
- "OSVALDÃO" ou "MINERÃO" - Cmta da 3ª área
 - "TUCA" - enfermeira da área - *Luiza Augusta Garcia*
 - "ZEZINHO" - fugiu da área em janeiro/74, juntamente com ANGELO ARROYO. *João Alberto Bracheco*
 - "FLÁVIO" - morreu na região - *Flávio Sabara de Castro*
 - "GIL" - morreu na região de Xambicó - *Manuel José Guerra*
 - "JAIME PETIT DA SILVA" - morreu na região de Xambicó
 - "MARIA PETIT DA SILVA" - morreu na região de Xambicó

Que, nesse local, foi feita as derrubadas das árvores numa área bem significativas, entretanto a depoente não sabe avaliar a extensão da mesma; que, o local tornou-se uma roça com toda espécie de cereal, tais como: feijão, milho, macaxeira, mandioca, inhame, cará, verduras e legumes, etc.

Esclarece a depoente que participou de duas reuniões / nesse local com os seguintes militantes:-

- JOÃO AMAZONAS DE SOUZA FIDROSO
- MAURÍCIO GRABOIS
- ANGELO ARROYO
- JOSÉ CARLOS FERREIRA
- JOÃO MESPO FERREIRA BORGES
- a depoente

Nessa reunião discutiu-se a remoção de LÚCIA REGINA // MARTINS DE SOUZA, para Anápolis, onde a mesma deveria ser internada para tratamento de uma doença grave e contagiosa que contraíra na região, sendo certo que no dia seguinte da mencionada reunião, a referida militante foi deslocada para Anápolis, por intermédio / da depoente e MAURÍCIO GRABOIS, sendo certo também que a militante fugiu do referido hospital, não voltando a militar no partido (PCdoB)

Que, uma outra reunião foi realizada mais com intuito festivo, pois, foi efetuada na passagem de ano (1971/72).

Que, mensalmente havia reuniões na referida área, entretanto, a depoente não comparecia nessas reuniões, com exceção das duas já mencionadas, pois sua área como já disse, era a BEIRA.

Que, havia uma terceira e quarta área, sabendo tão somente que a mais próxima do local agora focado, era de responsabilidade de um tal de "NELITO" e a quarta área era de responsabilidade de de "MINIRÃO" ou "OSVALDÃO".

Que, todas essas áreas era assistida por MAURÍCIO GRABOIS, que visitava as regiões periodicamente, oportunidade em que

(Continua...)

000818006512 1727

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE LIMA MONHEPAT ("DORALICE DOS SANTOS MASCARENHO", "MARIA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", "MARIA JOSÉ OLIVEIRA", "DORALICE LUIZA CAISER", "VELHA", "D. MARIA", "D. MARIA", "VELHA MARIA", "MARCIANA", "LÚCIA", "ALICE" ou "MÁRIA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "B" DAS 0900 AS 1800 DO DIA 14/15/ JAN / 1978

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: - PO do B

coordenava as reuniões, para tomar ciência dos problemas das áreas.

Que, durante a época em que permaneceu na área (1969/72), MAURÍCIO GRABOIS trouxe para a região, um militante de nome // JÃO CARLOS HAAS SOBRINHO ("JUACA"), que se tratava de um médico, o qual dava assistência médica aos componentes da organização.

Que, ANGELO ARROYO informou a depoente de que JÃO CARLOS HAAS SOBRINHO, mais dois (2) militantes de codinomes "FLÁVIO" e "GIL" e JAIPE PETIT DA SILVA terem sido mortos em tiroteio com as forças do Exército, em um só dia na região de Xambioá.

A depoente julga que PAULO MAURO RODRIGUES ser o militante de CG e da Comissão Militar.

DANILO DE TAL ("NILO"), a depoente acha ser DANILO CARNEIRO, por ter ouvido durante a viagem em que o conduzia para a área do Araguaia, "SONIA" ^{Lúcia Maria da Moura} chamava-o por este nome, sendo certo que ambos viaram deslocados do Rio de Janeiro.

Que, retifica seu depoimento do dia 12/13/JAN/77, para esclarecer que realmente não conduziu ADILSON FERREIRA TELLES para a área do Araguaia, sendo certo que conduziu DACBERTO ALVES COSTA e ADILSON FONSECA FILHO para Anápolis, passando-os para DANILO RIBEIRO DA COSTA CALLADO ("DUGA"), o qual deveria deslocá-los para a área de Xambioá, onde teriam morrido.

Segundo a depoente, JAIPE PETIT DA SILVA e LÚCIO PETIT DA SILVA, eram irmãos, entretanto a depoente afirma não conhecer JAIPE PETIT DA SILVA e sim seu irmão LÚCIO PETIT DA SILVA, pois, // este esteve por dois anos na área do Araguaia, mais precisamente na BEIRA, sítio da FAVEIRA, juntamente com a depoente, podendo por isso afirmar que o nominado é realmente engenheiro, tendo inclusive ouvido este afirmar ter trabalhado em uma barragem como engenheiro.

Esclarece que conheceu no sítio da FAVEIRA, CRIMÍIA / ALICE, que entretanto possa ser OLIMÉIA ALICE SCHIMTH DE ALMEIDA, // que referida moça permaneceu uns 10 meses na região, tendo regressado em virtude de ter contraído várias malárias.

Com referências aos depoimentos de VLADIMIR VENTURA TORRES POMAR ("WALTER DE SOUZA", "WALTER SOARES", "JOSÉ ALVES NETO", "WALTER" ou "WALTER") de dia 16/17, das 1030 hs às 2300 hs, onde // este afirma ter sido procurado em sua residência pela depoente, esta nega categoricamente os fatos, pois na verdade desconhece onde seja seu domicílio; que, também não é verdade ter viajado para Curitiba

(Continua...)

000819006512 1728

DECLARAÇÕES QUE PRESTA ELZA DE ITA MONNERAT ("DORAIICE DOS SANTOS NASCIMENTO", "MARIA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", "MARIA JOSÉ OLIVEIRA", "HONORINA LUIZA CAISET", "VELHA", "ANA MARIA", "D.MARIA", "VELHA MARIA", "MARCIA", "LUCIA", "ALICE" ou "MARIA")

A TURMA DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "B" DAS 0900 AS 1800 DO DIA 14/15 / JAN / 1978

ORGANIZAÇÃO A QUE PERTENCE: - PO do B

tiba/FR, pois, como informou no referido depoimento após o falec-
mento de CARLOS NICOLAU DANIELLI ("PONTES"), que se deu em JAN/73,
não mais deixou São Paulo, sobre qualquer hipótese. -

Declara a deponente que não fez nenhum curso de guerrilha,
quer seja na China ou qualquer outro lugar, entretanto confirma ter
estado na China, em fins de 1965, onde permaneceu pelo espaço de //
dois (2) meses, onde fez visitas a 6 ou 7 cidades, escolas, fábri-
cas e outras instituições, inclusive numa cozinha popular; que, esta
viagem foi custeada pelo PO do B, até Ferna/Suíça, entretanto a pag
sagem de ida e volta, a partir de então foi por conta da Embaixada
da China; que, realmente viajou com documentos "frios", em nome de
"MARIA DA GLÓRIA LOPES DA SILVA", documento este, providenciado pela
deponente, com auxílio de uma certidão de nascimento, fornecido por
CARLOS NICOLAU DANIELLI, sendo que naquela oportunidade, a deponente
desloca-se do Rio de Janeiro para São Paulo, tendo-se alojado em /
uma pensão sita à rua Arujá nº 7 - bairro Paraíso, exclusivamente
tirar ditos documentos. //

000819006512 1728